

135



LIQUIDAÇÃO DE REVISTAS – 1

Oferta de revistas e álbuns a preços muito baixos. O custo de envio está incluído no preço. O estado de conservação de cada edição está indicado, seguindo a convenção: (MB) – Muito Bom; (B) – Bom; (R) – Regular; (P) – Péssimo. Cada edição ficará reservada ao primeiro que escrever encomendando-a. Após a confirmação, o interessado deve enviar o pagamento em depósito bancário a **EDGARD GUIMARÃES**.

Dom Quixote (Edinter) (R) 1 – R\$ 4,00 * **Álbuns do Tio João – A Pandilha** (FP) (B) 10 – R\$ 6,00 * **Tintin** (13º ano) (B) 27, 29, 30, 31, 34, 37, 38, 45 – R\$ 3,00 c/ * **Colecção Ginete** (PP) (B) 5, 12 – R\$ 3,00 c/ * **Seleções BD** (Meribérica/ 1ª série) 28, 34 (P) – R\$ 3,00 cada * **Gavroche** (Civilização) (R) – R\$ 4,00 * **Jacto** 21, 22, 23, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 58, 59 (B) – R\$ 3,00 cada * **Jacto** 36 (P) – R\$ 2,00 * **Êxitos da TV** (PP) 5, 7, 11 (B) – R\$ 3,00 cada * **Colecção Modernos da BD** (PP) 4 (R) – R\$ 2,00 * **Colecção Escaravelho Azul** (Palirex) 4 (P) – R\$ 2,00 * **Brik** (Palirex) 3 (B) – R\$ 3,00 * **Grilo** (R) 12 – R\$ 3,00 * **Status Humor encadernado** (Três) – capa azul (Henfil, Mordillo, Dil, Lassalvy), capa branca (Lassalvy, Hoviv), capa verde (Hoviv, Lassalvy), capa laranja (Lassalvy) – R\$ 20,00 cada * **Status Humor** (Três) 29A, 31B (B) – R\$ 6,00 cada * **Pau-Brasil** (Vidente) 2, 3, 5 (MB) – R\$ 4,00 cada * **Careta Eleições 82** (Três) (B) – R\$ 6,00 * **Badger** (Cedibra) 2 (MB) – R\$ 3,00 * **Jon Sable** (Cedibra) 3 (MB) – R\$ 3,00 * **3º Coquetel Piadas** (R) – R\$ 3,00 * **Diz, Logotipo** (MB) – R\$ 6,00 * **Antologias d'A Manha** – 1926 (R) – R\$ 2,00 * **Fêmea Feroz 1** (B) – R\$ 3,00 * **Manticore** (MB) 1 – R\$ 3,00 * **Mercado Negro** (MB) 2 – R\$ 3,00 * **Gaffen** (B) 2, 4, 5, 6 – R\$ 2,00 c/ * **Dark Marshall 1** (B) – R\$ 2,00 – **Perry Rhodan** (Ediouro) P-7 (R) – R\$ 2,00 * **Curiosidades do Tio João** (FP) 1 (B) – R\$ 10,00 * **Bárbara** (supl. Skorpio) (B) 6, 8 – R\$ 10,00 c/ * **La Fortaleza Movil** (supl. Skorpio 4) (B) – R\$ 10,00 * **El Mundo Subterráneo** (supl. Skorpio) (B) – R\$ 10,00 * **Nueva York – Año Cero** (supl. Skorpio 6) (B) – R\$ 10,00 * **Wakantanka** (supl. Skorpio 8) (B) – R\$ 10,00 * **Big Bang** (Circo/Sampa) (R) 3 – R\$ 4,00 * **Chiclete com Banana Especial – Histórias de Amor** (Circo) (R) – R\$ 4,00 * **Chiclete – Tipinhos Inúteis** (Circo/Sampo) (R) 7 – R\$ 4,00 * **Geraldão** (Pangas) (R) 18 – R\$ 4,00 * **Geraldão** (Circo/Sampa/2ª ed.) (B) 14 – R\$ 4,00 * **Geraldão 90** (Circo/Sampa) (B) 4 – R\$ 4,00 * **Cuca** (Maltese) (MB) 0 – R\$ 2,00 * **Psico Vídeo** (Sampa) (B) 1 – R\$ 3,00 * **Santo Antônio em Quadrinhos** (Vozes) (B) – R\$ 5,00 * **Ranma 1/2** (MB) 28, 29 – R\$ 4,00 c/ * **Physical Force** (Best) (B) 1 – R\$ 4,00 * **Etcetera** (Saga) (B) 1 – R\$ 4,00 * **Fan News** (Magnum) (B) 1, 2 – R\$ 4,00 c/ * **Catálogo X Salão de Humor de Ribeirão Preto** (MB) – R\$ 3,00 * **Bundas** (MB) 2, 4, – R\$ 3,00 c/ * **Revista Caos 1** (B) – R\$ 2,00 * **Início de Loyola** (Loyola) (B) – R\$ 6,00 * **Revista Abigraf 168** (B) – R\$ 5,00 * **Avenida Brasil – A Transição pela via das Dúvidas** (Mil Folhas) (R) – R\$ 6,00 * **Cinevídeo** (Ondas) 1 (B) – R\$ 3,00 * **TV Séries** (B) 5, 6 – R\$ 4,00 c/ * **Made in Brasil 3** (MB) – R\$ 3,00 * **Almanaque Histórias Reais de Drácula** (Bloch) (P) 1 – R\$ 3,00 * **Roko-Loko e Adrina-Lina** (Opera Graphica) (B) – R\$ 10,00.

QUADRINHOS INDEPENDENTES

Nº 135 SETEMBRO/OUTUBRO DE 2015

Editor: Edgard Guimarães – edgard@ita.br
Rua Capitão Gomes, 168 – Brasópolis – MG – 37530-000.
Fone: (12) 3941-6843 – 2ª a 5ª feira, após 20h.
Tiragem de 120 exemplares, impressão digital.

EDITORIAL

Pretendia lançar um encarte junto com este “QI”, mas deixei para o próximo, tipo “presente de Natal”. Assim, faço uma revisão mais acurada do texto.

Neste número, vários colaboradores regulares marcam presença. Nos desenhos e HQs, Marcos Fabiano Lopes, Paulo Miguel e Shimamoto, Chagas Lima e Arruda, Guilherme Amaro. Nos textos, Worney A. de Souza, E. Figueiredo, Carlos Gonçalves, depoimento de José Ruy, além de reproduções de artigos de jornais enviados por Luigi Rocco e E. Figueiredo, e as divulgações do “QI” feitas por César Silva e Carlos Rico.

Na seção ‘Fórum’, um bom lote de cartas que valem por artigos, além dos comentários mais emocionais dos fiéis leitores.

De minha parte, um texto mais elaborado sobre o Homem Fera e um punhadinho de pequenos textos.

Também um bom lote de edições divulgadas em ‘Edições Independentes’.

Boa leitura!



ANÚNCIO NO “QI”

O anúncio para o “QI” deve vir pronto, e os preços são:

1 página (140x184mm):	R\$ 40,00
1/2 página (140x90mm):	R\$ 20,00
1/2 página (68x184mm):	R\$ 20,00
1/4 página (68x90mm):	R\$ 10,00
1/8 página (68x43mm):	R\$ 5,00

HOMEM FERA

Edgard Guimarães.

Aproveitando a ilustração de **Marcos Fabiano Lopes**, uma compilação de informações sobre o Homem Fera.

Ionaldo Cavalcanti, em **O Mundo dos Quadrinhos**, registrou:

“Herói mascarado lançado pela revista **Aventurama** da editora Graúna. Tinha roteiros escritos por Carlos M. Vaya e desenhos de Rodolfo Zalla e R. Cordeiro. Alfredo, domador de feras de um circo é salvo de um incêndio por sua pantera preferida, Madina, tornando-se assim o Homem Fera, o defensor da lei, junto com a inseparável Madina. Existe uma indecisão nesta série quanto ao nome do herói: muitas vezes é chamado de Pantera. O desenho de Cordeiro lembra muito Lucey de O Vingador (Hangman).”

Eduardo Cimó, em **Fã-Zine** nº 18, sobre os Heróis Nacionais, escreveu:

“Tudo começou no Gran Circo Sandiah, do velho Arquimedes, pai de Alfredo, o Domador, quando o palhaço destrói o circo com uma bomba relógio, e Alfredo é salvo por Madina, sua fiel pantera. Então o domador pega em seu camarim uma fantasia de pantera e passa a viver em uma caverna, saindo apenas para combater o crime. Assim, sempre auxiliado por Madina, Alfredo deixou de existir, em seu lugar ficou o Homem Fera. O Homem Fera é uma publicação da editora Grauna, de São Paulo, do ano de 1967, lançada pela revista **Aventurama**, com desenhos de Rodolfo Zalla e Rubens Cordeiro.”

Roberto Guedes, em **A Saga dos Super-Heróis Brasileiros**, observou:

“O Homem Fera foi outra criação do desenhista Rubens Cordeiro, dessa vez com o roteirista Carlos M. Vaya. Estreou em 1968, também pela Graúna, e durou 3 edições. Em sua identidade civil, o herói era Alfredo, um domador de circo, que foi salvo do ataque de criminosos por sua pantera Madina. Além do Homem Fera ter um visual quase idêntico ao do Pantera Negra da Marvel Comics, seus autores cometeram o deslize de chamá-lo de Pantera na história.”

Antônio Luiz Ribeiro, no site www.guiadosquadrinhos.com, escreveu:

“Com o sucesso de Golden Guitarr (e também Mistyko), a editora Graúna lançou, em 1968, um terceiro super-herói. Homem Fera era o domador Alfredo, filho do dono do circo Sandiah. Seu pai descobre que um dos palhaços é, na verdade, um perigoso traficante de drogas, que usa o espetáculo como “avião”. Para não ser desmascarado, o bandido tenta matar o velho Arquimedes e explodir o circo. Arquimedes e Alfredo sobrevivem por milagre: o primeiro vai parar no hospital, em estado grave; o segundo é salvo da explosão por sua pantera negra de estimação, Madina. Dado como morto, Alfredo descobre a trama da banditagem e assume uma segunda identidade. Utilizando uma fantasia circense, ele se disfarça como Homem Fera e, com ajuda de sua pantera treinada, liquida com os bandidos. A HQ era escrita por Carlos M. Vaya, com layout de Apa (José Aparecido da Silva) e arte-final de Rubens Cordeiro. O terceiro e último número foi desenhado por Rodolfo Zalla. Teve também um almanaque de enalche de nome **Super Almanaque Três Heróis**. Visualmente, Homem Fera lembrava três super-heróis americanos: The Fox, da Archie, O Pantera, da DC, e Pantera Negra (The Black Panther), da Marvel. Mas a semelhança acabava aí, pois o Homem Fera era um personagem com personalidade própria, com uma origem totalmente diferente. Com o cancelamento do herói, ninguém mais se preocupou em trazê-lo de volta. Os autores debandaram. Cordeiro, por exemplo, desistiu dos super-heróis que desenhava para fazer histórias de terror estilo anos 1950. Somente em julho de 2000 anunciou-se que os super-heróis dos anos 1960 possivelmente voltariam em edições especiais. Nada aconteceu.”

Lancelott, em **Catálogo de Heróis Brasileiros**, completou:

“O super-herói brasileiro Homem Fera foi criado em 1968 como o terceiro destaque da Editora Grauna, por Carlos M. Vaya, com layout de Apa (Aparecido da Silva) e arte-final de Rubens Cordeiro. Foi um personagem do “boom” criativo de 60 e teve apenas três edições publicadas e a última na arte de Rodolfo Zalla. Apesar da semelhança com The Fox, da Archie, O Pantera, da DC, e Pantera Negra (The Black Panther), da Marvel, sua origem se funda no mito africano, comum, dos homens criados por feras... Madina, uma grande pantera negra, o protegeu... O personagem usava um capuz negro, lançado pela revista **Aventurama**.”

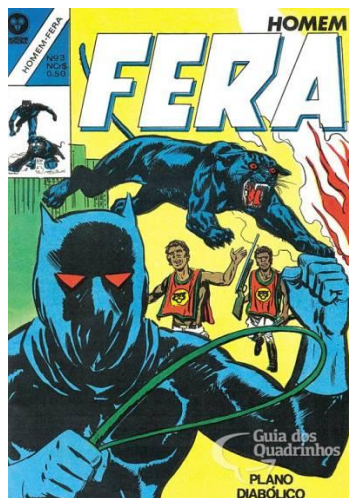


Por volta do início de 1968, a editora Grauna lançou 3 revistas com novos heróis nacionais. Como as revistas não traziam datas de lançamento nos expedientes, não dá para precisar quando foi efetivamente lançado cada título e em que ordem. Pelos anúncios nas revistas, pode-se deduzir que a primeira foi **Golden Guitar** (que durou 4 números), em seguida, **Homem Fera** (que durou 3 números) e depois **Místyko** (que também durou 3 números). Mas as datas de lançamento devem ter sido muito próximas.

Dos três personagens, o Homem Fera foi o mais dentro da tradição do herói mascarado, abusando bastante dos clichês do gênero. O primeiro número de **Golden Guitar** trouxe dois anúncios da nova revista, primeiro chamando-a de **Pantera Negra** e depois de **Pantera**, trazendo inclusive o que talvez seria o logotipo da revista. E Pantera deveria ser o nome do personagem, e não Homem Fera. Conjecturo que na hora de registrar o título da revista, o nome Pantera já estivesse reservado. A editora Jotaesse já havia lançado pelo menos dois números da revista **A Pantera**, estrelada por homens e mulheres das selvas dos comics americanos. Então, de última hora, o nome da revista mudou para **Homem Fera**. No entanto, sempre conjecturo de minha parte, os fotolitos das histórias já deviam estar prontos, com o herói sendo chamado de Pantera. Assim, nas duas primeiras histórias, o personagem se chamou Pantera. Como complemento do segundo número da revista, foi feito um resumo em 4 páginas da primeira história, com o título 'E Assim Surgiu o Homem Fera', passando a chamar o personagem desse modo. Na terceira aventura, já não há menção ao nome Pantera.

Nos textos apresentados no início, várias vezes foi dito que o personagem era parecido com heróis norte-americanos como o Pantera Negra, Pantera ou The Fox. Talvez tenha havido influência na hora de criar o uniforme do herói, mas acho mais provável que não. Trata-se, na verdade, de um uniforme muito simples, sem nenhum detalhe. Na cabeça, em vez das máscaras colantes dos heróis mencionados, Homem Fera usa um capuz, como o dos verdugos. Os modelos usados para a criação do Homem Fera foram certamente o Fantasma, de Lee Falk e Ray Moore, em primeiro lugar, e o Batman, de Bob Kane, em segundo. Fantasma talvez seja o herói mais copiado pelos autores brasileiros da época. Homem-Fera, em vários aspectos, o segue. Antes mesmo do herói aparecer, a influência de Fantasma já se faz sentir. Alfredo, o domador, nunca tem o rosto mostrado, como acontece com o Fantasma. No final da primeira aventura, o Homem Fera, logo após presenciar a morte do pai, faz um juramento, como o primeiro Fantasma: "Juro pelo velho Sandiah, combater contra o crime e o mal, até o fim de meus dias. Enquanto eu viver, os homens que estavam dirigindo o mau palhaço terão que me enfrentar." Também como o Fantasma, Homem Fera não tem identidade secreta. Quando Alfredo se torna o Homem Fera, abandona sua vida anterior, já que foi dado como morto. O Fantasma, eventualmente, se "fantasia" de Senhor Walker para passar despercebido em centros urbanos. Embora Lancelott enxergue que a presença da pantera Madina remeta a algum mito africano, acho que a referência é novamente o Fantasma, sempre acompanhado do lobo Capeto. Há outros exemplos nos comics norte-americanos, como a Tigrana (Tiger Girl) que era acompanhada de um tigre. E mesmo o Tarzan teve pelo menos uma aventura que se fez acompanhar de um leão dourado. A segunda referência de Homem Fera é o Batman. Embora o capuz não seja tão parecido com a máscara do Batman, em alguns momentos o desenho da parte de cima, com as orelhas, faz lembrar o Morcego. Além disso, várias situações de luta são calçadas em desenhistas do Batman. Mas o principal é a escolha de uma caverna como esconderijo do Homem Fera. Na primeira aventura é apenas uma caverna comum, encontrada pela pantera Madina para esconder seu dono desfalecido. Mas na segunda aventura, a caverna já está equipada com computadores, rádios e um sistema de túneis que leva o herói a qualquer parte da cidade. Na terceira aventura, um dos túneis leva a uma lancha que se transforma em submarino e dispara mísseis.

PANTERA



Na primeira história, os créditos são dados a Carlos M. Vaya (roteiro), Apa (lay-out) e R. Cordeiro (arte-final). Apa é o criador, com Rivaldo Macedo, de Golden Guitar, e no expediente consta que seu nome é Benedito A. Silva. O segundo número não traz créditos, mas a arte parece de Rubens Cordeiro. No terceiro número há apenas o nome de Rodolfo Zalla.

As menções que Ionaldo, Cimó e Lancelott fazem de que Homem Fera foi lançado pela revista **Aventurama** têm algum equívoco. Não sei precisar quando o nome “Aventurama” apareceu nas revistas da editora Grauna. No entanto, nenhuma das revistas dos três títulos – **Golden Guitar**, **Homem Fera** e **Místyko** – trouxe a palavra “Aventurama”. A editora Grauna lançou, provavelmente um pouco depois do cancelamento dos 3 títulos de heróis nacionais, uma revista chamada **Aventurama**, composta de títulos variados, a maioria originária da editora norte-americana Charlton. Começou com um título de terror, **Alma Penada**, que apareceu nos nºs 1, 5, 14, 16, 19 e 23 da revista. **Hércules**, estrelado pelo herói mitológico, apareceu nos nºs 2, 6, 13 e 22. Outro título de terror, **Ecos do Castelo Mal Assombrado**, apareceu nos nºs 3, 7, 18 e 20. **Besouro Negro**, trazendo o herói Blue Beetle, apareceu nos nºs 4, 8 e 17. Mais um título de terror, chamado simplesmente **Terror**, apareceu nos nºs 15, 21, 24 e 25. As últimas edições de terror já traziam principalmente produção nacional. Vários desses títulos, como **Hércules**, **Ecos do Castelo Mal Assombrado** e **Alma Penada**, tiveram continuação fora da coleção, mantendo o nome “Aventurama” no topo da capa. Outros títulos também usaram o nome “Aventurama”, como **Dr. Satan**, **Mestres do Terror** e até um **Far-West**. Voltando à coleção **Aventurama**, em seus números 9 a 12, em vez de apresentar revistas com material inédito, trouxe 4 encalhes de revistas já publicadas anteriormente. Os nomes dos encalhes foram **Almanaque Ecos do Castelo Mal Assombrado**, **Almanaque Homem Fera**, **Almanaque Capitão Guitarra** e **Super Almanaque Místyko**. No caso do **Almanaque Homem Fera**, trouxe encadernados os 3 números da revista **Homem Fera**. Como o almanaque trazia no topo da capa a palavra “Aventurama”, está aí a origem do equívoco nos textos de Ionaldo, Cimó e Lancelott. Antônio Luiz Ribeiro menciona outro encalhe que trouxe o Homem Fera, **Super Almanaque Três Heróis**, mas sobre esse eu não tenho informação.

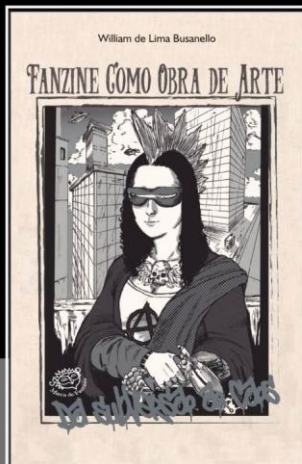
As três histórias produzidas com o Homem Fera têm aspectos interessantes, mas no geral são ruins. A primeira história mostra a origem do herói, que é um domador no circo de seu pai. O palhaço Bombom usa o circo para traficar drogas. O dono do circo desconfia, resolve revistar o camarim do palhaço, descobre a segredo, é surpreendido pela quadrilha e leva uma facada nas costas. Bombom resolve eliminar também o filho Alfredo e para isso joga uma bomba que explode todo o circo, na hora da apresentação do domador. No entanto, ninguém na plateia lotada é ferido, somente Alfredo recebe uma pancada na cabeça e desmaia. A pantera Madina arrasta Alfredo do fogo que começa a alastrar pelo circo e o esconde numa caverna. Já deu para ver que há incongruências no desenrolar da trama. O palhaço, que é apresentado no texto inicial como um dos mais perigosos membros da quadrilha, de repente é tratado como capacho pelo chefe. Ao saber que o velho Sandiah não morreu e está num hospital, o palhaço vai lá com dois capangas usando como arma uma “pistola de raios mortíferos”. Alfredo, nesse meio tempo, decide se vingar do atentado, usando uma fantasia de Pantera que havia feito para suas apresentações no circo. Antes da vingança, porém, sua missão é resgatar os animais ferozes que escaparam do circo e invadiram a cidade. Nesse ponto, uma ideia interessante, o herói usando de suas habilidades de domador para enfrentar leões, tigres, elefantes, em situações de perigo doméstico. Mas a fragilidade do roteiro logo retoma as rédeas. Pantera intui que seu pai sofrerá atentado no hospital e vai para lá. O velho Arquimedes, que estava em coma, acorda para ver que o palhaço está em seu quarto para terminar o serviço, o quarto é invadido por Madina, que atravessa a janela, e quando Bombom vai atirar nela, o velho tem forças para desarmá-lo atirando um vaso em sua arma. Esse esforço, no entanto, foi fatal. Segue uma festival malajambrado de lutas com reviravoltas até o final trágico do palhaço que despenca do edifício ao tentar fugir. Alfredo retorna ao quarto para ver o último suspiro do pai. Arquimedes abre os olhos, vê o Pantera e diz: “Já vai usar sua nova fantasia, Alfredo? O n-número está b-bem ensaiado?” E morre. Em meio a uma sequência de cenas mal feitas, uma passagem muito boa, o delírio final de Arquimedes, trágico e lírico.

A segunda aventura mantém o ritmo truncado da ação e o desfile de ideias mal boladas. O chefe da quadrilha, o Capitão Demócrito, contrata um assassino profissional, um tal Mr. Charles Bouquet, que é inglês e vem da Índia. Em um dos primeiros diálogos dos dois facinoras, Bouquet diz: “Primeiro preciso saber onde mora esse Pantera ou então terei de usar outros recursos”. Ao que o chefe da quadrilha responde: “Vai ter de usar outros recursos...”. O plano de Bouquet é sobrevoar a cidade num mini-plano soprando um apito que faz surgir uma infinidade de ratos mortais. Pantera manda Madina convocar os gatos da cidade. Bouquet reage soprando o apito para convocar os cachorros para atacar os gatos. Pantera toma o apito de Bouquet, mas ele tem outro. Diante da ameaça de Madina, Bouquet desiste e vai preso, mas avisa que sai a hora que quiser.

A terceira aventura não economiza na ruindade. Após um mês preso, em que aproveitava para descansar um pouco, Bouquet cumpre a promessa de fugir. Duas águias gigantes vão até o presídio e Bouquet foge montado numa delas. A aparição das águias é suficiente para que vários presos se rebelam e fujam numa lancha roubada no próprio presídio. Um dos bandidos em fuga tem tempo de parafusar Dorival Caymmi: “É doce fugir pelo mar...”. Homem Fera escuta pelo rádio que 30 assassinos fugiram e que três guardas foram mortos. Decide primeiro perseguir os assassinos e tem uma lancha pronta para isso. Quando sua lancha é atacada pelos fugitivos, ela afunda transformando-se num submarino que dispara um míssil na bandidada. Homem Fera resgata a turma toda e entrega para a polícia. Bouquet fica sumido durante meses. De repente aparece um Homem Fera assaltando bancos, é um ex-domador fantasiado a mando de Bouquet. A polícia culpa o verdadeiro Homem Fera, que, disfarçado, procura o xerife para esclarecer o assunto. Combinam que irá se entregar para que o falso Homem Fera não possa mais agir, mas o xerife não cumpre o acordo. Bouquet, sem mais nem menos, elimina o falso Homem Fera e faz novo ataque com um exercício de mini-guerreiros e um corvo hipnotizador. Homem Fera escapa do presídio e Madina obriga o corvo a hipnotizar 500 presidiários para combater os mini-guerreiros. A coisa continua nesse nível até a prisão de Bouquet e do xerife.

Ao contrário de Golden Guitar e Místyko, que trouxeram boas ideias, Homem Fera foi uma produção bem fraca.

FANZINES EM FOCO



O INVENTOR DO FANZINE:
um perfil de Edson Rontani
Gonçalo Junior
112p. 13x20cm.

FANZINE COMO OBRA DE ARTE: da subversão ao caos
William Busanello
60p. 13x20cm.



marcadefantasia@gmail.com

www.marcadefantasia.com

UAI!! “WHY?”

OS DESENHISTAS MINEIROS RESPONDEM EM QUADRINHOS À PERGUNTA

Texto publicado no “Jornal do Brasil” em 17/03/1976, enviado por Luigi Rocco

Belo Horizonte – Inconformados com as dificuldades de divulgação regular de sua criação e com a perspectiva de limitarem-se profissionalmente ao desenho comercial, um grupo de desenhistas mineiros cotizou-se, fundou uma empresa e agora lança a sua própria revista – “UAI”. Segundo um dos editores, o artista plástico José Ronaldo Lima, a revista pretende ser ao mesmo tempo mineira e universal. Daí o título “UAI”, exclamação tipicamente mineira, mas que, foneticamente, corresponde à interrogação inglesa WHY?

A ideia de uma revista mineira de quadrinhos estava há anos na cabeça de José Ronaldo Lima, 36 anos, vários prêmios em salões nacionais e proprietário da única livraria de Belo Horizonte especializada em quadrinhos e publicações sobre o assunto. Há três anos, José Ronaldo chegou a montar para uma editora mineira seis números de uma revista que se chamaria “Argh” e que acabou não saindo.

Enquanto isso, outros desenhistas mineiros tentavam fazer outras revistas, sem resultado. Gazinelli, por exemplo, um dos mais perseverantes, passou seis anos procurando patrocinador para o projeto de “Meia Sola”, revista que objetivava “redimir, salvar, manter vivo o magérrimo desenhista de Minas Gerais”.

Com a reunião de todos os projetos foi possível o surgimento de “UAI”, título que “mais que uma pergunta e uma expressão mineira é esperança de melhores dias”. Para o desenhista Nilson, “UAI” pretende ser uma alternativa não só para o leitor, mas também para o criador brasileiro – e mineiro, principalmente. O número zero, experimental, é aberto com um editorial que ressalta a intenção de fazer um quadrinho “mais Brasil”. Nas histórias estão presentes o meio social (Nilson e Lor, principalmente), o humor negro (Benjamin e Jobam), o lirismo erótico (Roberto Moreno), a divagação existencial (Luppi, Roberto Wagner, José Ronaldo). O mais velho do grupo é José Ronaldo (36 anos) e o mais novo Roberto Wagner (17 anos). Em média, a idade do grupo fica entre os 20 e 25 anos.

Ainda neste número zero, uma “página nostálgica” com um dos primeiros desenhos do mineiro Ziraldo: uma história publicada em junho de 1953 na revista “Era Uma Vez”. Os personagens da história, Teleco e Tim, são dois heróis interplanetários, fortemente calçados no Super-Homem e na Família Marvel.

“– Uai!, todo mundo tem que começar um dia, não é?” – brincam os editores.

SEDUZA-SE PELA...

CATAACUMBA

"PEGUE SEU TERÇO E COMECE A LER."
THE EEW YORK TIMES

"VIRE A PÁGINA. VOCÊ ESTÁ MORTO!"
ENTERTAINMENT WEIRDLY

#2

CAPA COLORIDA - MILO PB
PAPEL COUCHÉ. 40 PÁGINAS. **R\$ 15,00**
FRETE GRÁTIS!

VENDAS

BANCO BRADESCO - 237
AG: 0450-2 C/C: 762-5

ENVIE COMPROVANTE DO DEPÓSITO
PELO CORREIO PARA RUA BARTOLOMEU
FEIO, 674 - VILA CORDEIRO
SÃO PAULO/SP - CEP: 04580-001

OU COMPRE PELA LOJA ONLINE: WWW.KIKOMICS.COM.BR / PROKIKO@GMAIL.COM

NÃO ESTÁ NO GIBI!

E. Figueiredo

Gibi, que hoje é citado como Histórias em Quadrinhos, teve grande influência em minha formação, principalmente à voltada ao meu interesse pela literatura.

O primeiro gibi chegou às minhas mãos quando eu tinha 9 anos. Era uma terça-feira, véspera de Natal, e eu estava sentado no chão, recostado à parede em frente à minha casa, brincando com formigas. Ao lado, nosso vizinho, na mesma posição, lia uma revista. Quando ele acabou a leitura, pôs-se de pé e, perguntando “Quer ler?!”, jogou a revista no meu colo. Devorei-a ferozmente, e nunca havia visto nada tão deslumbrante! Corri para mostrar à minha Mãe, que preparava um pudim para a Noite de Natal.

Naquele tempo, o gibi era visto como algo pernicioso e responsável por desvirtuamento da infância e juventude. Muitas vezes meu pai comentava ter lido no jornal que garotos procuravam imitar as personagens, como num dia quando contou que um menino amarrou um lençol no pescoço e se atirou de um prédio tentando voar como o Super-Homem.

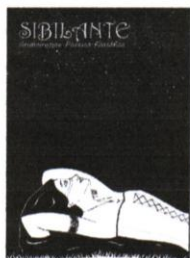
Com o tempo fui tendo contato com outros gibis e criando preferências pelos heróis como Super-Homem, Tocha Humana, Príncipe Submarino, Durango Kid, Sheena e muitos outros que fomentavam minha imaginação. Os que mais me marcaram foram o Capitão Marvel e sua família, e o The Spirit: o primeiro pelas histórias singelas e o segundo pelos perfeitos desenhos. Porém, a publicação que mais teve influência em mim foi a revista **Edição Maravilhosa**, que trazia os clássicos da literatura mundial quadrinizada. Através da **Edição Maravilhosa** cheguei até Os Três Mosqueteiros, O Conde de Monte Cristo, A Ilha Misteriosa, O Guarani, Os Miseráveis, O Corcunda de Notre Dame e outros.

Os quadrinhos também fizeram com que eu entendesse como era o Natal nos Estados Unidos, cujo culto ao Papai Noel não era como eu o via por aqui, e que só muito tempo depois passamos a vivenciar.

Ao contrário do que se diz (“Não está no **Gibi!**”), foi lá que encontrei muitos aprendizados que trago comigo ao longo da vida.

Conheça as publicações da Aurora Pós-Humana - Ciberpajé e IV Sacerdotisa

Fanzines, livros e itens promocionais (boleas zeobags, imãs, marcadores de página, e muito mais!)



Quadrinhos poéticos filosóficos. Formato A5, 28 páginas, acompanham de brinde: 1 minizine + Coleção de Resenhas sobre Sibilante



Sibilante Gramática Poética Filosófica II - Formato A5, 28 páginas, costurado à mão, acompanham outro zine: Conexões Sibilantes. Tiraagem limitada de 93 exemplares.

Edgar Franco - Danielle Barros
PROCESSOS CRIATIVOS DE QUADRINHOS
POÉTICO-FILOSÓFICOS
A revista Artífex e Pós-humanos



Processos criativos de Quadrinhos Poético-Filosóficos a revista Artífex e Pós-humanos. Série Quadrinhos Poético-Filosóficos, João Pessoa: Marca de Fanzina, 2015. 108p. ISBN 978-65-67732-29-9

Sagrado Feminino



HQforismos poéticos filosóficos, A5, 16 páginas

Biociênciaúdz



Formato A5, 32 páginas, fanzine de HQ educativo

Conexões sibilantes



Conexões Sibilantes, Formato A5, 16 páginas, p/b, costurado à mão, Diversos autores.



Albums do Lobo 2, zine de HQforismos, 16 páginas, formato A5, tiragem 66 exemplares, acompanha marcador de página em formato de cartola.

UIVO - Série de minizines com HQforismos do Ciberpajé Edgar Franco



Os minizines tem formato A6, 8 páginas, conheçam!

CONTATO - IV Sacerdotisa Danielle Barros: danbiologa@gmail.com - Blog: ciberpaje.blogspot.com.br - Blog: http://ivsacerdotisa.blogspot.com/

JOÃO E MARIA da Ebal

Edgard Guimarães

Há sempre alguma surpresa espreitando o colecionador. Ao receber recentemente uma lista de ofertas de Antônio Luiz Ribeiro, deparei-me com uma edição chamada **João e Maria**, com desenhos de Eugenio Colonnese, com a informação de ter sido publicada pela Ebal. Nunca tinha visto menção a uma edição como esta, não está incluída na lista de edições especiais do livro **Ebal – Fábrica de Quadrinhos**, de Ezequiel de Azevedo, e também não achei nas listagens do site “guiabebal”. Essas duas fontes de referência trazem não só as publicações comerciais feitas pela Ebal para distribuição em bancas, mas também algumas edições dirigidas, feitas para empresas, ou para lançamentos promocionais. As mais famosas dessas edições são os n°s 0 de três revistas que lançaram os heróis Marvel no Brasil. Como as revistas tiveram continuidade, os n°s 0, feitos para distribuição exclusiva nos postos Shell, passaram a ser bastante procurados. Mas a Ebal fez várias outras edições para públicos dirigidos, como as edições feitas para as Casas Sendas. Nesses casos, praticamente pegava uma revista já pronta, como foi uma com o Roy Rogers, mudava alguma coisa na capa para caracterizar que era uma publicação promocional, e estava feito. Comprei **João e Maria** achando que fosse algum engano no anúncio ou então um livro infantil, dos muitos que a Ebal publicou. Mas era uma verdadeira revista de HQs, publicada pela Ebal “especialmente para a Sociedade Civil Bem-Estar Familiar do Brasil”. Trouxe a HQ ‘Como Planejar a Família’, com os belos desenhos de Colonnese em 16 páginas coloridas. Na página 2, há espaço para Identificação da Paciente, Carimbo da Clínica e o nome da Secretária de Saúde do Rio Grande do Norte. Mas é uma revista de quadrinhos da Ebal, sem dúvida.



MAURÍCIO DE SOUSA

'UM CASO SÉRIO' DE POPULARIDADE

Carlos Gonçalves

Matéria publicada no jornal português "Correio da Manhã" em 01/09/1983

Maurício de Sousa esteve recentemente entre nós, como foi anunciado por vários jornais. Deslocou-se ao nosso país, juntamente com sua irmã, para proceder a um estudo do nosso mercado, de modo a tentar a colocação e venda de vários tipos de produtos de sua firma e, inclusive, a possível criação de uma revista que publicasse as aventuras de uma personagem portuguesa de sua autoria.

Depois de alcançar grande sucesso artístico com as suas personagens de Banda Desenhada, Maurício de Sousa aliou esse êxito artístico ao comercial, através da utilização em força das suas figuras, que vieram a servir como parte integrante da criação de uma série de mais de 1000 artigos diferentes, ligados aos produtos alimentares, ao vestuário, aos artigos escolares, para camas e mesas, e crianças, aos produtos de plástico, aos cosméticos, para sombrinhas, artigos para festas e desportivos, e também uma grande série de brinquedos.

Maurício de Sousa Produções é o terceiro maior estúdio do mundo em Histórias aos Quadrinhos, pois além de 165 jornais brasileiros onde as suas personagens são publicadas, a sua produção é também distribuída pela United Feature Syndicate nos EUA, para diversos países, incluindo Portugal.

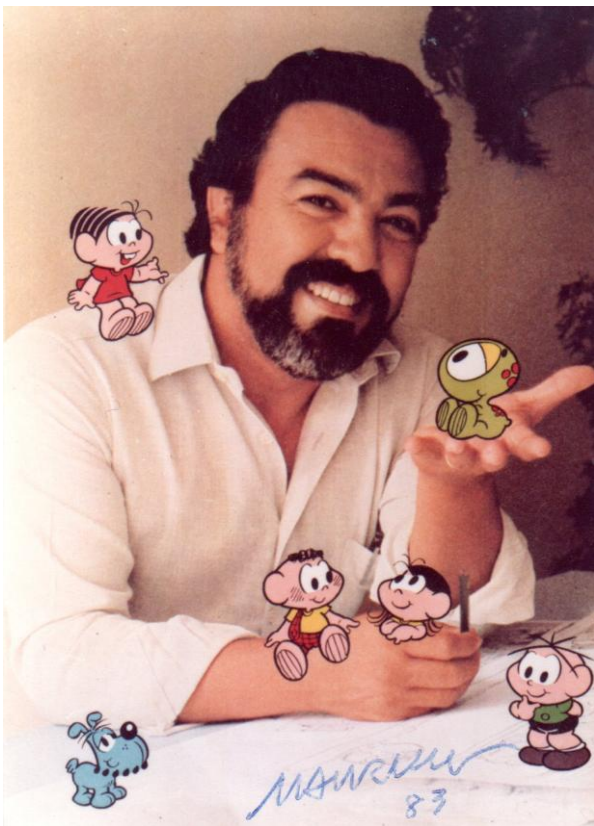
Segundo Maurício de Sousa, foram feitos mais de setenta filmes de animação destinados à publicidade de vários produtos. O Elefante Jotalhão tornou-se no mais amado do Brasil, e as mulheres brasileiras querem ser como a Mônica. Os produtos com a Mônica ou Jotalhão nas embalagens continuam a liderar as vendas.

Hoje, o seu trabalho é divulgado em mais de 500.000 exemplares de "Mônica" e "Cebolinha" no Brasil, o que corresponde, de uma maneira geral, às tiragens das publicações "Pato Donald", "Mickey" e "Tio Patinhas" de Walt Disney, que são as revistas com mais aceitação naquele país.

Assim, só com uma qualidade de histórias superior poderá tentar ultrapassar o monopólio daqueles "heróis", o que na verdade se está a verificar com as revistas da Mônica e Cebolinha.

Como resultado deste imenso trabalho até hoje desenvolvido, surgiu a oportunidade da primeira longa metragem da Turma da Mônica, amadurecida desde as experiências que têm vindo a ser realizadas desde 1968, através dos vários anúncios para a televisão.

Mas vamos fazer um pouco de história e falar no que têm sido os desenhos animados de longas metragens no Brasil. O primeiro a ser produzido data de 1953 e intitulava-se a "Sinfonia Amazônica", dos irmãos Latini – Aurélio, Mário, Wanda, Público, Murilo e Hélio. Hoje, somente restam poucas cópias guardadas nas cinematecas importantes das cidades de Nova Iorque, Praga e Moscovo. O segundo nasce na década de 70. O nome era o da principal personagem, "Piconzé", de Ipe Nakagima, que morre mais tarde, desiludido com o fracasso do seu trabalho. O terceiro seria o "Presente de Natal", também realizado em deficientes condições.



Maurício de Sousa comprou, há 4 anos, a firma Black & White, destinada a produzir animação, e aventurou-se a fazer pequenos filmes publicitários e também alguns de pequena duração. Agora concretizaria o seu maior sonho: levar a Turma da Mônica a um filme de animação de longa-metragem.

Foram escolhidos 70 artistas para colaborarem e tentou-se várias ajudas financeiras, quase sem êxito, pelo que Maurício de Sousa se viu obrigado a arriscar tudo no filme, pois muitas das revistas estrangeiras que estavam a publicar as suas personagens tinham cancelado as histórias havia já um ano, por falta de apoio de material audiovisual.

Foram necessários 120 milhões de cruzeiros para levar a bom termo esta obra, em exibição nos cinemas da cidade de São Paulo. O filme apresenta quatro situações interligadas. Será o próprio Maurício de Sousa a telefonar a cada uma das suas personagens e a convidá-las para participar do filme. A primeira a ser convidada é Mônica, que diz não dispor de tempo, pois vai a uma festa fantasiada, pelo que recusa energicamente. Do gabinete de Maurício, o filme passa para a festa, onde Mônica está vestida de ratinho. Ao passar inadvertidamente por uma máquina de redução, inventada por Franjinha, vê-se, de repente, do tamanho de um rato. A partir daí, começam as suas dificuldades com o gato, com as pessoas e, principalmente, com um apaixonado, que é sem mais nem menos que um ratinho.

A outra aventura da Mônica começa quando ela verifica que está a sentir-se marginalizada pelos seus amigos. Decide então ir viver no meio de uma floresta, dentro de uma caverna. Mas, mais tarde, descobre, afinal, que Cebolinha e Cascão só estavam a preparar-lhe uma festa-surpresa de aniversário e não queriam que ela o notasse. Mais tarde, o Cascão e o Cebolinha tentam vencer a Mônica com vários planos infalíveis.

A última sequência conta a história do Lorde Coelhoide, invasor extraterrestre, que tenta apoderar-se do coelho de Mônica, pois acredita que ele é uma arma secreta. Será a apoteose do filme, lançado no Natal de 1982, em circuito nacional. Participou já no 33º Festival de Cinema de Berlim e tem a sua projecção prevista para os Festivais de Cannes e Anecy, na França.

Maurício de Sousa acredita neste filme. Esperamos que os seus desejos se concretizem e ele se transforme num sucesso internacional.

O artista sempre tentou encontrar um final feliz para todas as suas histórias. Ele diz-nos porquê: "O que você busca para si e seu filho, não é um final bom? A vida, desde que evoluímos dos macacos, não é uma constante busca de algo melhor? Esse não é o nosso instinto? Nosso propósito é divertir, entreter. Acredito que a gente sempre vai dar um jeito, apesar de tudo. De qualquer maneira, minhas histórias não são apenas um final feliz, e sim a continuidade de uma busca, sem desânimo".

Fazemos sinceros votos para que essa busca dure longos anos, pois ela será um sinónimo de novas criações, de novos desejos de encontrar algo de belo a transmitir às crianças, nossos filhos, nossos netos, divertindo-os e inclusive acarinhando-os.

Ficamos a aguardar que o filme de Maurício de Sousa se estreie entre nós, para mais uma vez apreciarmos a qualidade do trabalho de um artista nato, coadjuvado por uma equipe de excelentes desenhistas, que o têm acompanhado nos bons e maus momentos da sua vida profissional.

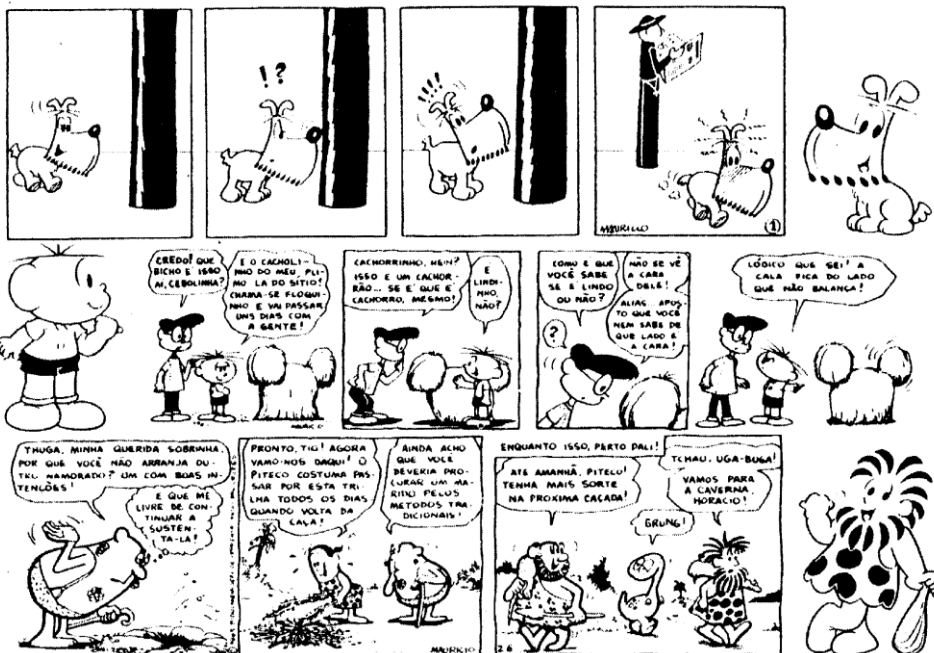




Ilustração de Benjamin Peppe, de Paulo Miguel dos Anjos, feita por Júlio Shimamoto.

DE CHAGAS LIMA

Encanto e Magia

POESIA DE EDNICE PEIXOTO
ILUSTRADA POR CHAGAS LIMA

PALAVRA SECA, FÉRREA
DE SIMPATIA NENHUMA
LAMPEJO DE MINHA IRA.
PALAVRA DOCE, COLMEIA.
DE AGONIA ALGUMA
FAÍSCA DO MEU AMOR.
PALAVRA AMARGA, CALVÁRIO
DE LÁGRIMA MUITO CALADA.
TROVÃO DA MINHA DOR.

E-mail: icfire.clima@gmail.com
Site: icfirehq.blogspot.com



PALAVRA ÁRIDA, SERTÃO.
DE INDIGNAÇÃO TAMANHA.
FRACASSO DO MEU SONHAR.



Colaboração de Chagas Lima e Arruda.

DEPOIMENTO DE JOSÉ RUY

*Trechos de Depoimento de José Ruy publicado no blog <http://bloguedbd.blogspot.pt>.
Esta primeira parte fala sobre o jornal infantil "O Mosquito", lançado em 14 de janeiro de 1936.*

É certo que a primeira redação deste mítico jornal funcionou provisoriamente na Travessa das Pedras Negras, n.º1, na Litografia Castro, onde era impresso. No entanto o Raul Correia (Avozinho) e o António Cardoso Lopes (Tiotónio), diretores literário e artístico, realizavam **O Mosquito** na Amadora, onde residiam em moradias geminadas.

O Tiotónio deslocava-se à oficina ao fim da tarde, para entregar os originais e desenhar as cores diretamente nas chapas de zinco offset, depois de terminar a sua função na entidade bancária onde era funcionário.

A correspondência dos leitores era dirigida para a morada do Tiotónio, na Amadora, que a entregava depois ao Raul Correia que respondia no jornal e por vezes mesmo diretamente pelo correio.

O jornal começou por ser distribuído pela Empresa Nacional de Publicidade, detentora do **Diário de Notícias**. No Natal de 1936, no primeiro ano de publicação, saiu um número especial com 20 páginas pelo mesmo preço, 5 tostões, mas com alguns dias de atraso devido a "uma avaria na máquina impressora", segundo explicação dada no próprio número, mas que teria sido, isso sim, pelo acréscimo de 12 páginas às 8 habituais, pois a máquina era lenta e não correspondia ao que lhe exigiam.

Durante três anos o jornal foi ampliando as vendas, obrigando a um aumento crescente da tiragem, praticamente de número para número. No início fora utilizada uma velha máquina com 60 anos já, plana e marginada à mão, quer dizer que o papel era metido folha a folha, por operários especializados, exemplar por exemplar. Quando a tiragem aumentou de 5000 exemplares para 15000, tiveram que passar a impressão para outra máquina mais "moderna", ou melhor dizendo, não tão velha como a anterior. Mas a procura nas bancas de venda era cada vez maior, os assinantes aumentavam e **O Mosquito** atingiu os 15000 exemplares. Passou a ser impresso noutra máquina, a mais rápida da oficina.

Mesmo assim não dava vazão e começaram a surgir problemas de resposta por parte da gráfica, não conseguindo entregar o número de exemplares correspondentes a uma semana. Saía com um ou dois dias de atraso, mas o público era fiel e esperava a continuação das aventuras com ansiedade e interesse.

O Tiotónio e o Raul Correia procuraram uma outra gráfica que tivesse capacidade para imprimir o jornal a tempo e horas, mas as que existiam na zona de Lisboa só conseguiriam cumprir os prazos se não aceitassem mais trabalhos de outros clientes, o que significava ocuparem as máquinas a tempo inteiro tornando impraticável o orçamento, que ao subir já não permitia manter o preço de capa de "cinco tostões", metade de um escudo, um dos grandes trunfos do êxito da publicação.

Nessa altura tiveram uma proposta da Empresa Nacional de Publicidade, a sua distribuidora, de aquisição do jornal ficando à mesma os seus diretores com a responsabilidade da edição, mas transformando-se em "assalariados" da Empresa. As condições apresentadas não agradaram ao Tiotónio nem ao Raul Correia. Então pensaram a sério em montar oficina própria e adquirirem uma máquina muito rápida que conseguisse fazer a tiragem no tempo desejado e pudesse acompanhar a sua possível subida. Foi escolhida por catálogo uma impressora offset, novo modelo acabado de lançar, a última palavra da marca alemã *Rolland*. Imprimia numa hora o que as outras máquinas existentes no parque gráfico nacional conseguiam num dia, seis mil exemplares. Em 1939 a redação começou então a funcionar, com as oficinas englobadas, em edifício próprio, melhor dizendo pertença da família do Tiotónio, na Travessa de São Pedro n.º 9 em Lisboa. Foi nesse espaço que tive a felicidade e a oportunidade de trabalhar, a partir de 1947, na seleção manual das cores e também na parte artística depois que o Manuel Velez (irmão do António Velez, autor da maior parte das construções de armar) partiu para a África.

Um jornal deste tipo pode ter histórias muito bem escritas e desenhadas, mas se não tiver uma orientação bem estruturada pode resultar num falhanço. Chamo a atenção do que aconteceu aos jornais que o Tiotónio dirigiu (embora artisticamente, pois era de uso na época haver também um diretor literário) depois da sua saída. Ele tinha a percepção exata do que o público precisava, sem cair na tentação de lhe dar o que lhe seria mais fácil de assimilar. Por isso **O Mosquito**, sendo simplesmente um jornal de entretenimento, foi considerado pelos seus leitores, ao longo dos tempos, como de cariz didático.



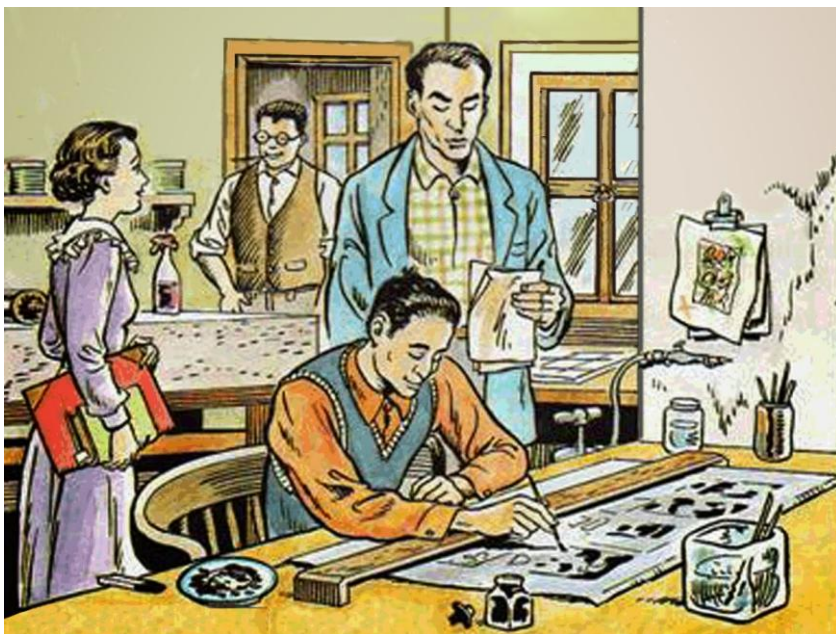
O Cardoso Lopes, Tiotônio, era quem escolhia a colaboração do estrangeiro – Inglaterra e Espanha – e os temas da que era realizada em Portugal. Era ele quem detinha o exclusivo do material inglês, e quando mudou do **Tic-Tac** para criar **O Mosquito**, levou as séries consigo. Não havia repetição de temas na gama das Histórias em Quadrinhos nem das novelas de texto. Os autores destas últimas, Raul Correia, Fidalgo dos Santos, José Padiña, Lúcio Cardador, Orlando Bertoldo Marques ou Roberto Ferreira recebiam indicações para o ambiente da novela que deviam escrever a seguir. Não admitia repetição de temas simultaneamente, e, por exemplo, se havia em curso uma história de barcos passada na atualidade, só era aceite outra se fosse vivida na antiguidade. Este critério do Tiotônio era aplicado também nas Histórias em Quadrinhos, com aventuras espaciais, policiais ou decorrentes em zonas exóticas do mundo, já descoberto ou não. Também o gênero de desenho “sério” era equilibrado com o “cômico” ou humorístico como se passou a chamar. Esse material era de origem inglesa e espanhola. Só muito mais tarde viria a publicar originais dos Estados Unidos da América. Os títulos sempre bem inspirados eram conseguidos pelo Raul Correia num repente, sem ter que pensar muito.

A colaboração disponível que vinha do exterior impunha os temas base, por isso o que era construído entre nós tinha de preencher o que faltava no critério de escolha da programação do jornal. Ao diretor literário Raul Correia competia traduzir os textos e criar uma literatura própria que transformou por completo a qualidade dos argumentos, melhorando-os muito. Escrevia as novelas que contrabalançavam os Quadrinhos. Era um verdadeiro Poeta e durante muitos anos manteve sem falhar a rubrica ‘O Avozinho’, escrita numa bela prosa rimada.

Se um autor trazia à redação uma história já pronta, focando um tema que se equiparava a um que estava a ser publicado, o Tiotônio guardava-a para a inserir no jornal numa melhor oportunidade. As suas personagens ‘Zé Pacóvio & Grilinho’ tiveram uma grande popularidade, mas n’ **O Mosquito**, devido às muitas solicitações ligadas à gerência da oficina e das variadas publicações que aí se publicaram, tiveram pouca presença, embora se publicasse um álbum: **Novas aventuras de Zé Pacóvio e Grilinho**.

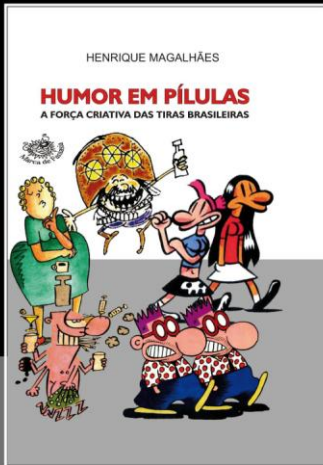
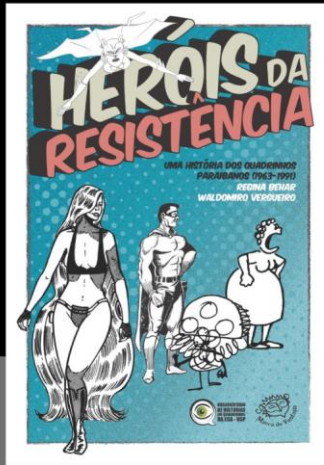
O António Cardoso Lopes, Tiotônio, diretor artístico de **O Mosquito**, funcionava como um maestro que perante um naipe de instrumentistas ia dando ordem de entrada a cada um ou a um grupo, conforme achava que a sinfonia ia precisando.

Claro que essas decisões não eram diárias, a redação reunia uma vez por mês, sem dia certo, e estavam presentes além dos diretores, o Eduardo Teixeira Coelho, o José Padiña, a partir da altura em que iniciou a sua colaboração no jornal e o Roussado Pinto depois que o seu jornal **Pluto** acabou e o Tiotônio o acolheu na redação de **O Mosquito**. Por vezes reuniam de emergência, como uma vez em que as vendas de **O Mosquito** baixaram numa semana, embora pouco, e era preciso tomar medidas urgentes, novas ideias, novos estímulos. Foi quando por sugestão do Teixeira Coelho coadjuvado pelo Raul Correia, surgiram rubricas como ‘Curiosidades de todo o mundo’, ‘A História do Carro’, ‘Secção dos Sábios’, ‘Coisas do Arco-da-Velha’ e ‘Mulheres Célebres’. Mas as novas rubricas não podiam sair logo nessa mesma semana, e quando surgiram à cena já o jornal tinha recuperado as vendas, antes de qualquer alteração. O Tiotônio dizia que o êxito em volume de vendas era uma incógnita. Podia-se planear tudo rigorosamente para dar certo, mas o resultado era imprevisível. Ainda hoje é assim.



A Tia Nita, o Tiotônio, Teixeira Coelho e eu na sala do desenho litográfico, onde se realizavam as tertúlias.

QUADRINHOS PARAIBANOS EM DESTAQUE



HERÓIS DA RESISTÊNCIA:
uma história dos quadrinhos
paraibanos (1963-1991)
Regina Behar & Waldomiro
Vergueiro
60p. 14x20cm.

HUMOR EM PÍLULAS:
a força criativa das tiras
brasileiras
Henrique Magalhães
2a edição
100p. 14x20cm.

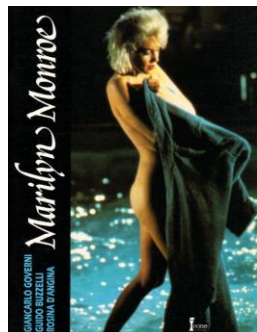
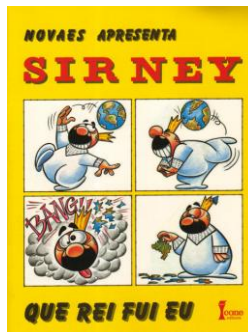
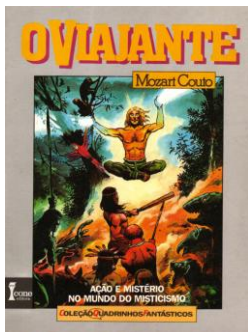


marcadedfantasia@gmail.com
www.marcadedfantasia.com

VONTADE DE PUBLICAR

Edgard Guimarães

Ao fazer uma busca em recortes antigos de jornais, deparei-me com uma notícia interessante na coluna que Franco de Rosa escrevia para o jornal **Folha da Tarde**, em 19/01/1990. O texto dizia que a editora Ícone iria investir em álbuns de Histórias em Quadrinhos. E listou 9 títulos a serem lançados brevemente. A editora de fato fez alguns lançamentos, mas longe do sonho inicial. Curiosamente, o primeiro lançamento nem foi mencionado no texto de Franco. Foi o álbum **O Viajante**, de Mozart Couto, com data de 1990. Trouxe uma longa história nos belos traços de Mozart, tratando de seu tema preferido, o herói místico. Também em 1990 saiu um dos álbuns previstos no texto de Franco, **Sir Ney – Que Rei Fui Eu**, compilando as tiras produzidas por Novaes para a **Folha da Tarde**, entre 8/9/1986 e 15/3/1990. Depois, somente em 1994, a editora Ícone lançou mais um álbum dos mencionados no texto de Franco. Tratou-se de **Marilyn Monroe**, um álbum cuja primeira metade trouxe uma biografia ilustrada da atriz, seguida por uma História em Quadrinhos produzida por Giancarlo Governi e Guido Buzzelli.



E quais foram os demais títulos prometidos e descumpridos pela realidade do mercado brasileiro? Apenas para dar água na boca: **Male Call**, de Milton Caniff; **Paralelas 2**, de Watson Portela; **Den**, de Richard Corben; **Cynthia a Espiã**, de Paulo Yokota; **Clássicos de Betty Boop**; uma coletânea de Lovecraft da **Metal Hurlant**; e **Os Rock de Nerso Gonçalves**, de Franco de Rosa, este até anunciado no final do álbum de Novaes.

VISIONÁRIO E LOUCO COMO UM RATO

Texto de Neal Gabler, publicado em “O Estado de S. Paulo”, de 15/09/2015, enviado por Espedito Figueiredo

Pode ser uma surpresa, mas Walt Disney, esse ícone da engenhosidade americana, teve dificuldades financeiras na maior parte da sua vida profissional. Todo mundo pensa que ele era um gênio dos negócios, um exemplo a seguir. Mas Disney era um empresário atroz, constantemente administrando sua companhia até quase a destruição. Mas, ao mesmo tempo, era um visionário cuja aversão a práticas comerciais normais levaram ao colosso que se tornou a Walt Disney Company.

Mesmo antes de ter idade suficiente para assinar os documentos legais de uma empresa, Disney reuniu alguns amigos, levantou dinheiro e fundou o Laugh-o-Gram, um estúdio em Kansas City, Montana, que produzia desenhos animados cômicos em curta-metragem, baseados em contos de fada. Mas Walt parecia menos interessado em lucrar e mais em se divertir, e a companhia logo faliu, levando-o, à época com 21 anos, para Los Angeles para procurar (sic) na indústria cinematográfica.

Foi salvo quando um distribuidor em Nova York selecionou um curta-metragem que ele havia produzido sobre uma menina real chamada Alice, que vivia no mundo do desenho animado. Tudo correu bem por um tempo. Mesmo quando a série de filmes com Alice chegou ao fim, Disney conseguiu inventar um novo personagem de sucesso, Oswald o Coelho Sortudo. Mas Disney era financeiramente egoísta e imprudente. Seu distribuidor o apunhalou pelas costas e, sem aviso, contratou seus desenhistas, que se ressentiam do seu comportamento despótico. Como o distribuidor possuía os direitos de Oswald, Disney, então com 27 anos, teve de começar novamente.

Rato. Ele substituiu Oswald por uma nova invenção: Mickey Mouse, que se transformou num sucesso imediato. Mas à medida que a criatividade de Walt florescia, sua perspicácia comercial enfraquecia. Mesmo o irmão mais velho de Walt, Roy Disney, que administrava as finanças do novo estúdio, dizia que o irmão seria constantemente espoliado economicamente não fosse por ele. No caso de Mickey Mouse, ele foi. Um empresário de Nova York chamado Pat Powers conseguiu que Disney contratasse seus serviços de sonorização em condições onerosas. Apesar de os desenhos de Mickey terem sucesso, quando a Disney pagou Powers pelo trabalho e as despesas do estúdio, pouco restou. Somente quando ele convenceu a Columbia Pictures a comprar os direitos de distribuição de uma segunda série de desenhos animados chamada *Silly Symphonies* é que registrou fluxo de caixa contínuo. Na época, a Columbia também se protegeu contra Powers quanto aos direitos sobre os desenhos animados de Mickey.

Walt Disney poderia ter ampliado vigorosamente sua companhia com base no sucesso do Mickey Mouse. Em vez disso, fez uma arriscada aposta em filmes animados. *Branca de Neve e os Sete Anões* ficou quatro anos em produção e custou mais de US\$ 2 milhões (US\$ 33,5 milhões atuais), a maior parte tomada emprestada do Bank of America para ser paga com a receita de desenhos curta-metragem. A aposta compensou. *Branca de Neve* rendeu US\$ 7 milhões (US\$ 117 milhões hoje) e a maior parte do dinheiro foi imediatamente aplicada numa nova sede do estúdio em Burbank, Califórnia, e numa série de novas produções. Por mais difícil que seja imaginar hoje, os novos filmes – *Pinóquio*, *Fantasia* e *Bambi* – eram muito caros, ao passo que a Segunda Guerra Mundial havia estancado o mercado europeu e o interesse do público em filmes de animação. Os prejuízos foram catastróficos – US\$ 1,5 milhões só no caso de *Pinóquio*, ou mais de US\$ 25 milhões atualizados. Devendo milhões para o Bank of America, a companhia mais uma vez viu-se em dificuldades financeiras e somente sobreviveu à guerra deixando de lado a animação e produzindo filmes de treinamento e propaganda para o governo.

Walt Disney, que depois do fracasso de Oswald insistiu que nunca cederia o controle da sua empresa, vendeu as ações para investidores e logo depois trouxe para a companhia uma equipe de administração externa. Chegou a contratar especialistas em rendimento para determinar se os filmes de animação poderiam ser simplificados. No período pós-guerra, o estúdio descartou filmes que o próprio Disney considerava inferiores. E tomou emprestado US\$ 1 milhão da RKO, sua distribuidora, para evitar um novo colapso.

Dinheiro. Disney deixou a situação ainda pior ao demonstrar desprezo pelas pessoas que lhe prestaram socorro financeiro. Ele não dava a mínima importância para dinheiro. Mesmo sua mulher, Lillian, dizia não entender porque ele não era mais rico. Afinal, era Walt Disney. Se ele não fosse a força criativa do estúdio, se o seu nome não estivesse tão associado ao nome da companhia, certamente teria sido destituído. Ele não ouvia os banqueiros e nem o próprio irmão, que o pressionaram para controlar suas ambições e se comprometer com a qualidade dos seus filmes.

Apesar de todas as dificuldades, Walt Disney resistiu a um compromisso. Ao contrário de tantos empresários, Walt apostou no longo prazo. Em 1936, recusou-se a firmar um acordo de distribuição porque o contrato abrangia direitos de TV que ele queria reter. E não muito tempo depois lançou a ideia de relançar os filmes a cada cinco anos – o que, no fim das contas, propiciou lucros enormes.

A qualidade provou ser também uma estratégia excelente para elevar o moral da companhia. Até uma virulenta greve em 1941 que destruiu o sentimento de camaradagem reinante no estúdio, desenhistas brigavam para trabalhar no estúdio porque desejavam fazer parte da missão artística de Disney.

Apesar dos caprichos de Disney e da constante reinvenção da sua companhia deixarem malucos seu irmão e outros, o estúdio Disney continuou ativo, até chegar em 1955 à Disneylândia, um triunfo que acabou por dar à companhia uma sólida base financeira. Não por acaso, a Disneylândia nasceu de uma outra crença de Walt Disney: a de que era difícil extrair excelência da burocracia. Ele e sua equipe projetaram o parque como um entidade separada do estúdio.

Nada disso seria possível sem a consciência de Roy Disney de que sua tarefa principal era realizar os sonhos do irmão. Ele era o empresário que Disney necessitava para lidar com outros empresários. Walt Disney, no fundo, era um artista que jogou no lixo o manual corporativo e operou, como os artistas normalmente fazem, usando a inspiração. No fim, a companhia floresceu exatamente porque ele era um empresário indiferente.

FÓRUM

WORNEY ALMEIDA DE SOUZA
C.P. 675 – São Paulo – SP – 01031-970

Recebi o novo “QI”. Gostei muito do suplemento ‘O MUNDINHO dos Quadrinhos’. Muito bom trabalho de garimpo. Geralmente passados tantos anos percebe-se que a edição do Ionaldo é essencial para a História dos Quadrinhos e que os erros são mínimos, dada a grandiosidade da obra. Muito bom o artigo sobre a coleção Capitão América. Gostaria de poder reunir todas as HQs do Capitão depois da guerra numa única edição. Também lembro as HQs do Namor contra os chineses, durante a Guerra da Coreia, que a Bloch publicou. Verdadeiras preciosidades que foram proposadamente esquecidas pela Marvel, pois “denegriam” o passado glorioso desses heróis e interferiram nas novas origens da década de 60. Uma HQ emblemática é o encontro do Capitão dos anos 60 “congelado” e o Capitão dos anos 50 que acabou virando um vilão, também publicada pela Bloch.

Quanto ao Capitão América, eu me restringi ao “novo”, da década de 1960, para não alongar muito. Assim, nem dei destaque à história de terem transformado o Capitão América de verdade dos anos 1950 em uma outra pessoa, desequilibrada. Como dizia o Barwink, uma afronta aos leitores que acompanharam aquele Capitão na década de 1950. Achar essas histórias é meio difícil. Para se ter uma ideia de quais foram publicadas no Brasil, um começo é o site www.guiadosquadrinhos.com. Não é completo, mas ajuda um pouco. Já encontrar as histórias é mais difícil. O Barwink deve ter publicado algumas, mas a qualidade da cópia e da edição é ruim, não dá para aproveitar. O Dâmaso também publicou alguns volumes, não tenho certeza se do material pós guerra.

HENRIQUE MAGALHÃES

Av. Maria Elizabeth, 87/407 – João Pessoa – PB – 58045-180

Recebi ontem o “QI” 134 mais o suplemento ‘O MUNDINHO dos Quadrinhos’. O fanzine, com magnífica colorização manual (que trabalhadeira, hein?), ainda vou ler com calma e prazer. Li de supetão, mas não desatento, o suplemento, que aponta e corrige os pequenos erros do gigantesco trabalho de recenseamento feito por Ionaldo Cavalcanti. Sem desmerecer o trabalho de Ionaldo – como você bem frisa – sua revisão é cuidadosa e imprescindível, para quem estuda as Histórias em Quadrinhos. Como você é dedicado e uma verdadeira enciclopédia sobre o tema! Além de colecionador, você é um grande pesquisador. Que tal fazer o mesmo tipo de trabalho criando os verbetes dos Quadrinhos Brasileiros? Seria um documento inestimável para a História de nossos Quadrinhos.

De modo bem limitado, tenho feito textos sobre heróis brasileiros, aproveitando os desenhos estilizados do Marcos Fabiano e, antes, do Lancelotti. Já saíram no “QI” textos sobre Judoka, Juvêncio, Mylar, Zodiako, Vizunga, Aba Larga, Sepé, e tantos outros. Nesse passo, não dá para fazer de todo mundo. Mas, para fazer algo mais abrangente, teria que ser em outras condições. Eu não tenho acesso a acervos necessários para fazer um trabalho melhor, como, por exemplo, a Biblioteca Nacional. Quem poderia fazer um trabalho assim seria o Waldomiro Vergueiro e sua equipe. Lá existem o tempo e os recursos, financeiros, através de bolsas de pesquisa. Talvez já estejam fazendo e eu não sei.

O “QI” mais uma vez está muito bom, imprescindível. Destaco sua entrevista concedida a Brenda Thomé, que faz um ótimo balanço de seu trabalho no meio e dos fanzines de HQ em geral. Essa entrevista é importante para poder citar trechos em meus trabalhos, gostaria que você me enviasse o arquivo em word, se puder.

ALEX SAMPAIO

P. São Braz, conj.02, BLD, ap.03 – Salvador – BA – 40235-430

Em mãos o excelente “QI” 134, com uma capa bem elaborada. Gostei bastante desta edição, recheada de leitura de qualidade. O encarte por si só já valeria a assinatura. A seção ‘Fórum’ continua repleta de opiniões, engrandecendo o informativo. O “QI” continua sendo a nossa melhor opção de leitura sobre quadrinhos. Nos dá a sensação de que não estamos sós nesta luta de divulgação da oitava arte, tão desprezada pelos nossos editores.

WEAVER LIMA

C.P. 2733 – Ag. Dragão do Mar – Fortaleza – CE – 60110-974

Legal que você curtiu o livro (“Seres Urbanos”). A entrevista também é minha parte preferida. Talvez num futuro a gente lance uma segunda edição com o prefácio do Sebastião Ponte, pro livro ficar realmente completo. Antes disso, soltaremos um segundo volume com o nosso material impróprio para menores. O material tá aqui separado, e aos poucos, nos tempos livres, estou vendo como montar esse segundo livro. Agora em setembro irei ao Ugra Zine Fest, em São Paulo, lançar esse primeiro e falar sobre o Seres Urbanos, e bastante curioso pra ver o que vai ter lá na feira do evento.

Recebi aqui os 3 números do “Psiu”. Que maravilha esse material. Dei uma olhada geral em tudo. De encher os olhos a quantidade de coisas. Essa semana tá uma correria, mas no final de semana quero pegar pra ler com a calma que merece. Ia até comentar de ter visto um exemplar à venda por R\$ 100,00 no MercadoLivre. Não é folclore. Além desses 3 números, existe uma edição com quadrinhos mudos e depois disso você passou a editar os “QIs”? Além desses, você editou mais o quê? Pergunto, porque uma das minhas metas é aos poucos ter a coleção completa de tudo que você editou. Tô com uns planos aqui. São planos ainda. Mas é algo que vou tocar aos poucos, que é criar uma biblioteca de pesquisa de publicações independentes por aqui e reunir um grupo de estudo informal pra gente visualizar melhor o que foi, e o que está sendo feito de maneira independente.

É curioso como são as coisas. Na época em que fiz o “Psiu” 1, 50 páginas, eu pretendia que fosse semestral. Só consegui fazer o nº 2 três anos depois. Aí pensei, agora faço semestral. O terceiro saiu 5 anos depois, isso porque eu me obriguei a encerrar a publicação. Entre o 2 e o 3 eu acabei fazendo 3 especiais, e esse foi o principal motivo para acabar com o “Psiu”, estava tendo mais resultado fazendo os especiais. Em 1993 comecei a fazer o “QI”, que era bem simples no começo, cerca de 4 a 8 páginas bimestrais. Mas a partir do nº 40, virou uma revista mesmo. Hoje, se contar com o número de páginas dos encartes, estou editando quase 50 páginas a cada bimestre. Ou seja, estou fazendo algo equivalente ao “Psiu” a cada dois meses! O que aconteceu comigo que 30 anos atrás não conseguia e agora consigo?

Os especiais que fiz são: em 1988, o “Psiu Mudo”, que esgotou por vários motivos, um deles é que vários exemplares tinham defeito; em 1989, o “Deus”, um livro de 270 páginas vendido sem capa, para não encarecer. Este também esgotou pois tive que fazer menos exemplares devido ao tamanho. E em 1991, fiz o “Eco Lógico”, em tamanho grande, cada HQ na forma de pôster. Este, como ficou meio caro, ninguém comprou. Com exceção dos exemplares que enviei de cortesia aos colaboradores, ninguém comprou. Tá tudo aqui.

A partir de 1993, junto com o “QI”, editei dezenas de álbuns, mas o esquema era o seguinte, eu só imprimia quando recebia o pedido. Portanto, nunca houve exemplares excedentes dessas edições. Incluindo todas as edições que vendi na época, não só as produzidas por mim, mas também as impressas, tive um catálogo de mais de 500 títulos. Do que foi feito por mim, o destaque foi o livro “Rubens Lucchetti & Nico Rosso”, um livrão de 320 páginas com capa dura e sobrecapa feita em veludo.

Lendo a sua conversa sobre tiras diárias e páginas dominicais com o Alexandre Yudenitsch no “QJ” 133, peço permissão para me intrrometer no papo. Afinal, estão nas tiras e nas páginas semanais de jornal não apenas os meus títulos favoritos, mas também os personagens, os desenhistas, os escritores.

Hoje, os quadrinhos publicados diariamente nos jornais nada mais são do que uma leitura corriqueira, já esquecida antes mesmo de o leitor fechar o jornal, ou virar a sua página. É mais importante a leitura do horóscopo ou o tolo resumo de novela. Em épocas passadas a situação era diferente. As tiras diárias e as páginas nos suplementos dominicais coloridos eram acompanhadas com bastante interesse pelos leitores, mas isso nos jornais americanos. No Brasil nunca foi assim. Quando as tiras e as páginas dominicais (as chamadas “newspapers strips”) entraram de vez por aqui, elas não foram promovidas como parte dos jornais, mas sim publicadas em tableides separados, como o “Suplemento Juvenil”, “O Globo Juvenil” e outros. A nossa imprensa diária publicou sim muitas tiras e páginas semanais, e ainda publica várias “humor strips”, tanto americanas como brasileiras, no entanto, com exceção de “O Globo” em épocas passadas, nossos jornais geralmente pouca importância davam aos quadrinhos publicados em suas páginas. Nunca houve por aqui o hábito de recortar as tiras dos jornais e colecioná-las. Eram poucos os que faziam isso. A arte do colecionismo em nosso país sempre foi a revista, o gibi. Nos Estados Unidos o quadro foi bastante diferente. No passado, como as “newspaper strips” ficavam restritas aos jornais e dificilmente publicadas em revistas, era comum os leitores recortarem as tiras diárias e as páginas dominicais para a montagem de suas próprias coleções. Esse velho hábito do colecionismo americano vem ajudando bastante as editoras que hoje reeditam álbuns com antigas histórias em quadrinhos feitas originalmente para jornais. As agências americanas distribuidoras desse material, os “syndicates”, por vários motivos perderam uma parte considerável de seus arquivos. Muito material ainda existe em perfeitas condições, mas as provas das cores para as páginas dominicais já foram destruídas. Hoje, quando editoras, como a IDW, Hermes, Fantagraphics e outras, reeditam em álbuns as velhas “sunday pages” com as suas cores originais, os editores são obrigados a usar as páginas recortadas dos antigos jornais, restaurando o colorido. O resultado, na maioria das vezes, é perfeito ou muito bom. Mesmo nas reedições de velhas tiras diárias, quando o “syndicate” não mais possui as provas, novamente as editoras utilizam as tiras recortadas dos jornais para a reprodução.

Outro fato interessante aconteceu por aqui a partir da década de 1950, quando os antigos tableides deixaram de existir e a maioria esmagadora das histórias em quadrinhos ficou condicionada às revistas (o tradicional gibi). Essas publicações passaram a trazer o material feito originalmente para “comic book” junto com os quadrinhos de jornal. Como as nossas editoras tinham o costume de apagar datas e assinaturas, dava a impressão de que ao leitor não era dado o direito de saber o que estava lendo, qual a origem do material. Era tudo história em quadrinhos, sem autores ou origens e atemporal.

É certo que hoje dificilmente um leitor de jornal esteja disposto a acompanhar por semanas ou meses o desenrolar da trama de uma tira em continuação de características sérias (aventura, drama, etc.). Os novos hábitos desse tipo de leitura levaram à quase total extinção da chamada “adventure strip” dos jornais. Alguma coisa ainda sobrevive, Dick Tracy, The Phantom, Spider-man, Rex Morgan e mais uma meia dúzia, porém tudo se resume a uma pálida e ridícula sombra do que foi no passado. Teria sido mais honroso o cancelamento de todo esse material e a sobrevivência apenas das tiras cômicas.

Não existe mais espaço para desenhos e balões numa tira de aspecto realista. Raymond, Crane, Manning, Prentice, Williamson, Drake, Robbins, Godwin e muitos outros não mais conseguiram desenhar tiras. Tudo ficou reduzido a um tamanho filatélico. As tiras de humor conseguem sobreviver bem, pois sua característica é o desenho simples com poucos traços.

Essa diferença entre publicações e leitores brasileiros e americanos normalmente não é salientada, mas acho que é bem importante no estudo dos quadrinhos no Brasil. Às vezes, há a tendência de dizer que aqui é uma mera cópia do que se faz nos Estados Unidos, mas não é bem assim. Um dos aspectos não mencionados é a diferença do gosto do leitor brasileiro. Quantos personagens importantes continuaram sendo produzidos aqui depois de cancelados lá? É uma boa indicação dessa diferença.

Sem dúvida alguma, conforme você salientou, o gosto do leitor brasileiro de quadrinhos não é exatamente o mesmo do americano. Ou pelo menos não era, pois hoje todos parecem amarrados apenas em super-heróis Marvel/DC e em mangás. Na década de 1950, quando faroestes e outros gêneros produzidos para os “comic books” americanos foram cancelados por falta de leitores, a RGE continuava tendo boas vendas com esse material. A safda foi produzir esses personagens aqui, como Cavaleiro Negro, Rocky Lane, Jim das Selvas, etc. Houve até mesmo façanhas surrealistas, como transformar histórias de Durango Kid ou do espanhol Gringo em Cavaleiro Negro. Capitão Marvel estava proibido pela Justiça de ser publicado nos Estados Unidos, mas aqui ele continuou voando livremente ainda por muitos anos, e com sucesso, nas revistas da RGE. Houve uma época em que o leitor brasileiro consumia muito mais os personagens de Walt Disney e na falta de histórias americanas (Dell Comics), a Abril, além de publicar as histórias desenhadas na Itália, também produzia aqui. Outro detalhe curioso foi a da produção franco-belga nunca ter encontrado uma boa receptividade no Brasil (menos ainda nos Estados Unidos). Era um material bem cuidado, bons desenhos, ótimos roteiros, mas com exceção de Tintin, Asterix e Lucky Luke, não conseguiu adentrar a preferência do leitor brasileiro. Em Portugal parece ter tido mais sucesso. Pois é, nem tudo que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil. O seu histórico do Capitão América está muito bom. Um trabalho de muito fôlego, como também foi o das edições GEP. Desvendar toda aquela confusão com o conhecido personagem da Marvel na sua publicação no Brasil não deve ter sido nada fácil. Se na Marvel a trajetória de Captain America já era confusa, aqui o negócio se tornou um total sofrimento para o leitor que desejasse seguir em ordem a saga do herói. Posso imaginar a bagunça causada pela Ebal, Bloch, RGE e Abril. Incrível!!! Lamentável o fato de a Ebal publicar apenas um número com histórias desenhadas por Jim Steranko. Aquelas 3 edições de “Captain America” (110, 111, 113) representam um dos melhores trabalhos do grande Jim Steranko, desenhista que, infelizmente, teve apenas uma breve passagem pelas histórias em quadrinhos. Uma curiosidade. Se não me falha a memória, a revista de contos policiais “X-9” publicou Capitão América. Lembro-me de uma história, mas não sei se se houve outras.

Muito interessante, e necessária, a sua correção de “O Mundo dos Quadrinhos” de Ronaldo Cavalcanti. Nunca li esse livro, mas já tinha visto muitos comentários sobre as informações erradas contidas nele. Pelo seu “O Mundinho dos Quadrinhos” há realmente alguns erros crassos na obra. Apenas um brevíssimo comentário sobre o personagem Turok. Ele foi lançado no Brasil pela Ebal na revista “Tarzan” (não me lembro da data). Naquela época, a Ebal publicava por ano nada menos do que 18 números de “Tarzan”. O material original da Dell Comics, portanto, não era suficiente para a revista brasileira. A Ebal resolveu o problema facilmente. Enfiou as histórias de Turok, inclusive as capas, na revista “Tarzan”. E assim foi durante um bom tempo. Havia números em que Turok era a história principal da revista, deixando Tarzan com apenas umas poucas páginas.

Bem lembrada a presença de Turok nas revistas de Tarzan e aqui vem sempre a dúvida. Será que a Ebal estava publicando Turok em “Tarzan” na mesma época em que as revistas da editora Cruzeiro? Sempre fico em dúvida se os direitos eram respeitados tanto pelas editoras brasileiras como pelas americanas negociando um material com mais de uma editora.

O meu arquivo sobre publicações brasileiras está apenas em minha memória, portanto é um arquivo falho. Não sei dizer se a editora de O Cruzeiro publicou Turok simultaneamente à publicação da Ebal. Meu primeiro contato com Turok foi na revista “Tarzan”. Assim, acredito que o lançamento do personagem em nosso país tenha sido mesmo na revista “Tarzan”.

No Brasil, quem mais publicou o material da Western/Dell/Gold Key foi a Ebal, mas muitos títulos foram licenciados para a editora O Cruzeiro e alguma outra. Essa distribuição do material dos “comic books” americanos às editoras brasileiras foi, em outros tempos, um negócio estranho e complicado. Por aqui havia várias editoras que publicavam os inúmeros comics americanos da DC, Marvel, Fawcett, Dell, etc. Pelo que sei, os contratos das editoras brasileiras de um modo geral não eram feitos exatamente com as editoras americanas, mas com agências (não sei se no singular ou plural) que distribuíam esse material aqui. Era uma grande confusão. A agência muitas vezes repartia o material de uma mesma revista para duas ou mais editoras brasileiras. A revista “Best of the West” (publicação da ME, 1951-54), por exemplo, trazia Durango Kid, Straight Arrow (Flecha Ligeira), Ghost Rider. No Brasil, esses 3 personagens foram distribuídos para 3 editoras diferentes. Um caso curioso foi o de Kid Colt. Dependendo do desenhista da história, ele era publicado pela RGE ou pela Ebal, que o rebatizou de Kid Mauter, embora ele usasse colts. A editora O Cruzeiro publicou títulos importantes da Dell, como “Magnus Robot Fighter” (Russ Manning), “Zane Grey’s Stories of the West” e outros. A editora, diferente da Ebal e da RGE, publicava suas revistas em cores. A impressão não era boa, mas havia um completo respeito às traduções e à integridade física dos desenhos, detalhes a que RGE e Ebal desrespeitavam completamente.

JÚLIO SHIMAMOTO

Estrada Mapuá, 358 – Taquara – Rio de Janeiro – RJ – 22713-321

O “QI” 134 chegou ontem, juntamente com o suplemento ‘O Mundinho dos Quadrinhos’. Muito Obrigado! Sua capa é belíssima!! A matéria sobre o Capitão América (o título com os escudos do herói, apesar de criativa, precisei decodificá-lo), e sua entrevista concedida à Brenda, são imperdíveis. ‘Poeta Vital’ é HQ de humor bem refinado. Também está excelente a série ‘Mantendo Contato’, de Worney, em que entrevista Maurício de Sousa, colhendo curiosas e saudosas informações. As HQs de humor no “QI” sempre trazem leveza. ‘Fórum’, quem não o lê com instinto de voyeur?

MARCOS FABIANO LOPES

Av. Suarão, 2181 – J. Suarão – Itanhaém – SP – 11740-000

Bacana que você curtiu o zine! As ilustras dos heróis coloridos são visualmente bem interessantes, mas para o contexto do “QI” ficam também legal em preto e branco. Quem sabe quando estiver terminada essa série de super-heróis dos anos 60 e 70 podemos pensar numa edição especial reunindo todo esse material com uma capa colorida reunindo todos os heróis publicados pelo “QI”? Os textos que você pesquisa sobre os personagens estão bem detalhados, estou contente em fazer essa parceria com você. Vamos aguardar para o próximo “QI” o Homem Fera.

Realmente acho que dá para ir pensando em alguma coisa. O material que já existe talvez já dê para fazer uma edição com estas que tenho feito da ‘Pequena Biblioteca’, mas acho que ainda está muito cedo. Uma coisa que pode ser feita, já que não dá para fazer a edição inteira colorida, é fazer suas ilustrações coloridas na forma de figurinhas que o leitor colaria em cada página correspondente. Assim, teria que imprimir apenas uma ou duas páginas coloridas com todas as figurinhas, o leitor recortaria e colaria. É algo a se pensar. Outra coisa é que escrevi outros textos sobre heróis brasileiros que não têm ilustrações suas. Foi o caso de Zodiako, Vizunga, Aba Larga, Juvêncio, dos que estou lembrando agora. Não são super-heróis, mas acho que caberiam numa edição de personagens brasileiros, não necessariamente “super”. Ai seria preciso, para manter uma homogeneidade, que você fizesse ilustrações deles também.

Muito bacana o projeto com figurinhas dos personagens coloridos, boa alternativa para os custos de impressão. Sobre os Heróis Brasileiros nos “QIs” que tenho, além dos citados por você, são Raimundo, Sepé Tiaraju, João Tymbara e Mylar. Vou produzindo esses personagens paralelamente junto as colaborações regulares dos super-heróis brasileiros, pode ficar um projeto bem interessante.

ALEXANDRE YUDENITSCH

C.P. 613 – São Paulo – SP – 01031-970

Acabo de receber o “QI” 134, e agora entendi para quê você queria aquelas informações... Engraçado, quando vi o encartinho (não é desprezo, é ‘encarte em formato e fininho’), senti que o ‘visual’ era familiar, mas lendo o título ‘O Mundinho dos Quadrinhos’, inicialmente imaginei que seria sobre os editores, leitores, fãs, etc. de HQs; só depois é que lembrei-me do livro do Ionaldo Cavalcanti.

Depois que você achou a ‘chave’ para destravar minha memória, ao descobrir que, no Brasil nos anos 50 as histórias de The Heap tinham sido publicadas na revista “Mundo Juvenil”, da Editora Aliança, de cuja existência eu nem me lembrava mais (confundindo-a com a “Vida Juvenil” da mesma época), juntando a memória com algumas pesquisas confirmei o que já tinha comentado, por cima, agora com mais detalhes: a “MJ” publicou os personagens da Hillman (de “Air Fighters/Airboy”) durante um bom tempo, sendo Airboy aqui chamado Big Boy e The Heap era simplesmente O Monstro (ainda não lembrei o nome de Skywolf, mas acho que ele também apareceu). Encontrei mais informações no “Guia dos Quadrinhos”, onde constam 16 números da revista entre 1953 e 1954 (bem no período em que eu lembrava dela), com histórias de Airboy/Big Boy e The Heap/Monstro em muitas delas (há reproduções de 4 capas); outros personagens da “MJ”: Os Pequenos Sabichões (The Little Wise Guys, do Daredavil original), Shasta Kid, Pampas, Sherlock do Rancho, Eagle Evans, Caudilho dos Andes, Dilly Duncan, Reis da Planície, Cavaleiro Mascarado, Pena Vermelha e Kid Cowboy, e até Buster Crabbe (mas sempre tive preferência pelos dois citados). É também citada a origem do Monstro (que apareceu nos quadrinhos em 1942): o barão alemão Von Emmelmann, às da aviação durante a Primeira Guerra, foi morto num pântano desconhecido na Polónia, emergindo depois como uma criatura de lama, chamada O Monstro. No Gibi Raro, há várias capas de “MJ” também, algumas em duplicata com o Guia (mas não vi nenhuma onde apareça o Monstro, só Big Boy). A propósito, a Editora Aliança na época também publicou “Seleções de Aventuras”, onde aparecia Yank o Destemido (Fighting Yank, da Nedor), etc., e “Aliança Juvenil” (com Kid Cowboy e outros). Agora, quanto ao nome “Pantan”, só me lembro dele devido ao espanto de ver o Monstro (‘do pântano’, pois é ali que ele tinha sido gerado) chamado assim numa outra revista, tempos depois – mas não tenho ideia de qual seria, nem quando.

Muito boas as informações complementares que enviou sobre a Editora Aliança. É uma editora que para mim não tem muito apelo, pois não acompanhei nenhuma de suas revistas. Mas até já escrevi sobre ela, quando fiz o texto sobre o Raimundo Cangaceiro, que foi publicado primeiro na coleção “Aliança Juvenil”. Mas são edições que não tenho e só obtive alguma informação através de algum site. Infelizmente, a História das editoras no Brasil nunca foi contada, o que é uma pena. A Opera Graphica sonhou uma coleção de 13 volumes. Mas acordou logo. O Aníbal Cassal também teve esse sonho. O Ota queria fazer o trabalho, mas sendo bem pago para isso, não conseguiu.

CARLOS GONÇALVES

R. Tomás da Anunciação, 171, 3º Dto – Lisboa – 1350-326 – Portugal

Se achar que os artigos (que lhe enviei), apesar de já terem passado 33 anos, têm interesse para os seus leitores, tudo bem. O nome do jornal (onde foram publicados), que ainda existe, chama-se “Correio da Manhã” e o suplemento que eu orientei durante 18 anos chamava-se “Correio da Banda Desenhada”. Posteriormente foram publicados outros suplementos, um deles chamava-se “Correio do Chico Omelete”, outro “Correio Disney”, e, finalmente, “Correio das Crianças”.

Carlos enviou alguns artigos seus publicados em Portugal na década de 1980, sobre Maurício de Sousa e Jayme Cortez, contendo informações interessantes sobre esses autores. Considero que a republicação desses textos será do interesse dos leitores do “QI”.

LUIGI ROCCO

R. Gonçalves Morais, 74 – São Paulo – SP – 03139-020

Primeiramente, parabéns pela capa pintada artesanalmente, bonita demonstração de capricho. A cereja do bolo com certeza foi o encarte sobre o livro “O Mundo dos Quadrinhos”.

Tenho muito carinho por essa obra e a li na época do lançamento e depois incontáveis vezes ao longo dos anos. Apesar de gostar muito do livro, é impressionante a quantidade de erros que podemos encontrar, principalmente nos verbetes relativos à produção nacional, visto que não havia fonte de consulta anterior, e acaba sendo uma diversão involuntária apontar esses pequenos defeitos. Devemos lembrar que foi feito em uma época sem internet e sua facilidade de pesquisa, nem mesmo o vídeo-cassete havia sido lançado no Brasil e para o Ronaldo, autor dessa obra pioneira, restava apenas a consulta em sua própria coleção e aos poucos autores que ele conhecia pessoalmente. Certa vez o cartunista Novaes questionou o Ronaldo sobre a ausência de sua tira ‘As Coisas da Vida’ na relação de obras do livro, sendo que havia outras que saíam ao lado da sua na “Folha da Tarde” e que estavam presentes na mesma, no caso, a tira ‘Bobinho’, e o autor respondeu para que ele não se ofendesse, pois a edição havia sido confeccionada de modo bastante apressado.

Ronaldo publicou posteriormente o livro “Esses Incríveis Heróis de Papel”, que seria uma edição revista e ampliada do primeiro livro e onde esses erros poderiam ter sido corrigidos. A intenção seria publicar pelo menos mais dois volumes, um para as heroínas e outro para os personagens cômicos/infantis. Tive oportunidade de conversar com ele certa vez e perguntei sobre os outros volumes da obra. Ele não pôde disfarçar seu desânimo e decepção e disse que a vendagem havia sido tão baixa, praticamente nada, o que inviabilizou a continuidade do trabalho.

Bem, já que você mexeu no vespeiro, vamos lá com alguns pitacos. Primeiro nos seus comentários:

Bob Crusóe – conheço essa edição da Edrel que você menciona. A Roval tem uma edição chamada “Almanaque Monumental” e não “Edição Monumental”, um desses almanques em encaixe, mas o Bob Crusóe não está lá, ele está no “Almanaque Estorietas” (não dá para saber se é encaixe da Edrel ou uma nova impressão) da editora Kultus. O curioso é que o expediente da editora Kultus é uma tira de papel colada sobre um expediente anterior, esse provavelmente pode ser da Roval, mas não deu pra ler.

Os Brasileiros – tive quando criança uma coleção com os personagens. Eram três livros em capa dura, “Pequeno Cangaceiro”, “Pequeno Bandeirante” e “Índiozinho Amazonas”, editora Egeria, acondicionados em um kit de madeira recortada no formato dos personagens, muito bonito e colorido e também eram livros ilustrados. Nunca vi quadrinhos com esse material. Ortega ilustrou também outros livros com histórias infantis clássicas, como Pinóquio.

Fantar – não remete mesmo ao Namor. Será que o Ronaldo confundiu o Fantar com o Hydroman do Gedeone?

I Colonialli – a série foi publicada como complemento nas revistas do Gato Félix da editora Trieste em 1973 com o nome de Os Colonizadores. Lembro vagamente de tê-la visto publicada em algum jornal, mas não posso afirmar com certeza.

Mestre Lucas – o suplemento “Quadrinhos” publicou dezenas de séries ótimas. Ronaldo listou apenas algumas pouquíssimas e nem sempre as melhores. Que critério será que usou?

Zeus – a revista “Uau” existe. Conheço o nº 3 e nele constam, além da história ‘Zeus’, com o quadro que Ronaldo reproduz, a ‘História dos Quadrinhos’ do Kern e Ailton Elias e uma história do Fernando Ikoma. O problema é que a capa reproduz um desses cartuns antigos ampliados e ficou parecendo uma dessas revistas genéricas de piadas. Talvez por isso não tenha atraído a atenção dos leitores de quadrinhos.

Agora algumas considerações mequetrefes:

Aba Larga – “Personagem criado por Getúlio Delphin em 1962.” O roteirista Hamilton Chaves não é citado, nem as tiras diárias produzidas por João Mottini, nem mesmo a CETPA, responsável pelo movimento, é mencionada.

Bandeirantes – “O argumento é interessante, mas o desenho ainda é incipiente.” Injustiça, ao meu ver o desenho já é bastante bom desde a primeira história.

Duduca e Jambolão – “Criadas por Orlando Pizzi em 1970 para a editora Regiart.” Bem, sabemos que os dois heróis frequentam as páginas dos gibis infantis pelo menos desde 1956.

Sobre as opiniões pessoais, uma se sobressai: no verbete sobre o personagem ‘Leopoldo’ do cartunista Pitliuk, Ronaldo comenta “Pitliuk lançou um concurso para o leitor indicar o nome da mãe de Leopoldo, mas antes o concurso fosse a procura de um desenhista para a história”, indicando que o cartunista não tinha, digamos assim, um desenho muito elaborado. Pois bem, nos anos 90, quando Pitliuk lançou a série ‘Afagos Amargos’ no jornal “O Estado de S. Paulo”, o cartunista seguiu exatamente esse conselho e procurou um desenhista para a série por meio de um concurso no jornal. Como sabemos, o vencedor foi Newton Foot.

Agora, mudando de assunto, sobre a entrevista com Maurício de Sousa, nela ele cita a proposta da “Folha de S. Paulo” em lançar revistas com seus personagens. Em dezembro de 1967 são anunciadas para esse mesmo mês 4 revistas de Maurício: “Horácio”, “Bidu”, “Cebolinha” e “Piteco”. Aparentemente foi uma moeda de troca para que a editora Abril deixasse de lado a ideia de lançar um jornal diário. Bem, esse fato pode ser comprovado com anúncios publicados no suplemento “Folhinha”. Já a outra proposta, a do jornalista Sinval Itacarany, essa ainda não pode ser comprovada, embora diga a lenda que as revistas chegaram até mesmo a ser impressas.



PEDRO JOSÉ ROSA DE OLIVEIRA

R. Helianto, 53/101 – Belo Horizonte – MG – 30421-194

Estou enviando fotos das capas e histórias que tenho deste herói. O “Almanaque do Homem Fera” é uma réplica fiel dos 3 gibis. Não faltou nada, nem acrescentou nada. O número 1 tem a história de Bombom, o palhaço assassino, o segundo número, ‘Plano Diabólico’ e ‘Assim Surge o Homem Fera’, e o número 3 a história ‘Os Mini-guerreiros de Mr. Charles Bouquet’. Todos gibis com 36 páginas. O interessante é que o número 3 possui dimensões menores que os anteriores (17,5x25cm) e não é refrlado.

Recebi o “QI” 134. Excelente! Gostei muito do encarte sobre “O Mundo dos Quadrinhos” e a matéria do Capitão América. Não conhecia o livro do Ronaldo. Vou procurar para adquirir.

Eu estou procurando por grandes raridades e você conhece diversos colecionadores. Gostaria de lhe pedir dicas de colecionadores que tenham a possibilidade de possuir e quer negociar seus gibis. As revistas que procuro são as seguintes: “Guri” 1, 4, 73, 122, 182 – “Globo Juvenil” 1, 36 – “Gibi Mensal” 1A, 3A – “Gibi Mensal” (1940) 142, 168 – “Lobinho” 1, 2, 7, 8, 10, 13 – “Superman” (Ebal, 1947) 1 – “Batman” (Ebal, 1953) 1 – “S.O.S.” 2 – “Album Gigante” (Thor) 11 (para substituição) – “Homem Aranha” (Ebal) 1 (para substituição) – “Almanaque do Lobinho” 1949 – “Gibi Edição de Natal” 1944, 1951 – “Tico Tico” Edição Especial com Mickey (1934) – “Tio Patinhas” 1 – “Bidu” 1, 2, 3, 5, 6 – “Zaz Traz” 1 a 7.

ANTONIO ARMANDO AMARO
R. Haia, 185 – São Paulo – SP – 03734-130

Recebido o “QI” 134. É mais um ótimo exemplar, começando com a criativa capa em cores, adorei. Assim como o ‘Poeta Vital’ e os 4 artigos seus, em especial ‘Considerações Sobre Fanzines’, na entrevista tua à Brenda Thomé, em 2014. Os outros artigos, como sempre, muito bons, como o do Worney e a bela divulgação feita pelo professor José Salles. Como sempre, com muitas informações a respeito do nosso “QI”, como escreve bem esse professor. Só lamento que ele queira parar (ou já parou?) de publicar as muitas e ótimas revistas, que são praticamente os quadrinhos brasileiros que compro. Tomara que mude de ideia, para minha alegria. Quero lhe agradecer também pelas 8 páginas de ‘O Mundinho dos Quadrinhos’, mais um belo trabalho teu. Estou te enviando mais uma ilustração do Guilherme e a xerox da revista “Caretta” de 14 de junho de 1919, a revista mais antiga que eu tenho. Veja o recado do autor em 1919. Ele não errou praticamente em nada, pois nas décadas de 1930/40, os alemães de novo são os donos da Europa e o louco do Hitler bota fogo no mundo. Que povo fantástico é o alemão, praticamente destruídos em 2 guerras mundiais, e hoje são quase donos da Europa (de novo). Mas, felizmente, com outra mentalidade. Também estou te enviando mais uma foto que tirei de você em 2009 na entrega do prêmio Angelo Agostini.

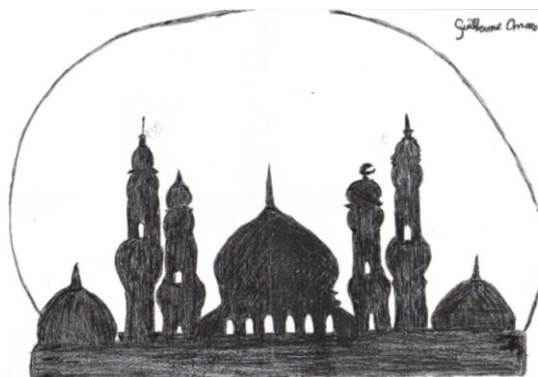


Ilustração de Guilherme Amaro

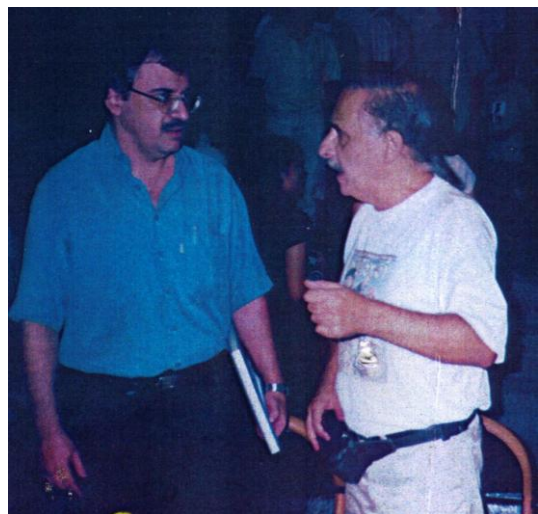
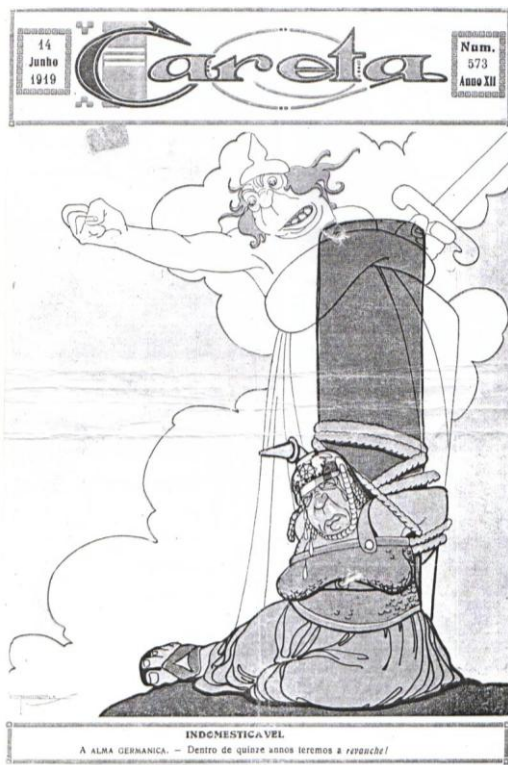


Foto enviada por Antonio Amaro. À esquerda, eu, Edgard Guimarães, à direita, pela foto, não consegui identificar.



Capa de “Caretta” de 14/06/1919, enviada por Antonio Amaro

WAGNER TEIXEIRA

R. Pedro Américo, 166, Bl. B, ap. 1009 - Rio de Janeiro - RJ - 22211-200

Recebi o “QI” 134, sempre muito interessante. Destaque nessa edição para a entrevista com o editor, Edgard Guimarães, e algumas boas reflexões em textos, HQs e comentários. O encarte da vez é ‘O Mundinho dos Quadrinhos’, que traz curiosidades sobre o histórico livro “O Mundo dos Quadrinhos”, de 1977. Dei risada em saber que o clássico personagem Kull, precursor de Conan, já foi chamado no Brasil de Koll, por pudor da editora à época.

Texto publicado em <http://partesforadotodo.blogspot.com.br>

ESPEDICTO FIGUEIREDO

R. Tamiko Fuzioka, 212 – São Paulo – SP – 04728-190

Recebi o “QI” 134 acompanhado do suplemento ‘O Mundinho dos Quadrinhos’. Gostei do artigo ‘Patagônia’, de Carlos Gonçalves. Estou anexando uma reportagem de ‘O Estado de S. Paulo’, do dia 15 deste mês (‘Visionário e Louco como um Rato’) sobre Walt Disney. Eu acho que caberia ser reproduzido no “QI”. Estou enviando também a minha crônica Natalina deste ano. Como você costuma publicar, estou antecipando. Você é um dos primeiros a quem envio.

PAULO JOUBERT ALVES

R. João Luiz dos Santos, 28-E – Santa Luzia – MG – 33140-250

Estas publicações encartadas têm um cunho pedagógico excelente para quem está querendo conhecer HQs. Por isso, a exemplo do Roberto Mueller Novaes, estou enviando para gibitecas. Como no meu bairro duas foram lamentavelmente desativadas, irei mandar para a Bahia, em uma recomendada por Luciano Lima, de Maracás.

Congratulo-me por apreciar os textos que escrevo para o BDBD (<http://bloguedbd.blogspot.pt>) do Carlos Rico & Luiz Beira, em Portugal. Dou-lhe os parabéns pela sua atividade editorial. Conheço alguma “coisa” desse grande país, o Brasil, pois estive já uma temporada no Rio de Janeiro, aquando de uma bienal do livro, em 1989, lançando na altura um livro meu, depois no ano 2000 em Piracicaba com uma exposição e palestras, fazendo a ponte entre o Festival de HQ da Amadora e o Salão de Humor dessa cidade; em 2001 viajei pelo Nordeste do Brasil desde Fortaleza a Natal e Olinda, e em 2009 estive na Amazônia, onde fiz uma palestra na Feira do Livro no Hangar de Belém do Pará. Tenho alguns amigos autores de HQ, como Maurício de Sousa, Cavalcanti e Spacca.

Eu defendo de há muito, aqui em Portugal, que o termo mais adequado para o nosso género de trabalho é o de “Histórias em Quadrinhos”, e não “Banda Desenhada”, que infelizmente foi introduzido aqui, por influência francesa, afinal também não bem aceite nesse país. Um português nos anos 60 com poder de comunicação, como a Televisão, meteu esse termo para fazer um “favor” aos franco-belgas, e pegou.

Sou, como sabe, um técnico de Artes Gráficas, desde a litografia direta na pedra litográfica, depois no zinco offset, a seguir com os fotólitos, também fiz experiências e consegui um processo a partir da litografia, mas em papel, para selecionar as cores de uma maneira manual e muito mais económica, isso nos anos 80, e agora domino a digitalização conseguindo no computador o mesmo efeito da litografia primitiva. Tenho feito palestras a que chamo de “Litografia Digital”.

José Ruy é um dos mais produtivos quadrinhistas em atividade em Portugal e tem publicado no citado blog uma série de depoimentos sobre sua passagem como autor e técnico por várias das mais importantes publicações portuguesas de Histórias em Quadrinhos. Alguma informação é de interesse mais restrito, mas muitas são de interesse geral e oportunamente serão reproduzidas aqui no “QI”.

É sempre um prazer contactar com alguém que fala a mesma linguagem, não me refiro ao idioma, mas à linguagem gráfica. Pois se lhe apraz, podemos trocar muitas opiniões sobre as Artes Gráficas com técnicas passadas, e que atualmente, pelo menos na Europa, alguns museus mantêm o funcionamento.

Para já, está autorizado a publicar os meus artigos que achar serem de incluir no seu fanzine.

Continuo a produzir, e neste momento estou em pleno numa História de Arcos de Valdevez, uma cidade no Norte de Portugal, precisamente no Alto Minho, e outra sobre a ilha mais pequena do Arquipélago de Açores, a Ilha do Corvo, a sair em 2016. Também no próximo ano, sairá a vida de uma médica que no princípio do século XX foi a primeira mulher a votar neste país, em 1911, e a realizar uma operação cirúrgica em 1907. Está na gráfica. Entre mãos e já completamente esboçadas tenho a História da Cidade de Coimbra e a História dos Templários e da Ordem de Cristo.

Conhecerei uma coleção de oito volumes que dediquei aos descobrimentos portugueses, mas vistos por outra perspectiva, a do marinheiro, dos convés dos navios, com os seus medos e enjos? Foi publicada pela ASA em 1986 e reeditada em dois tomos completos recentemente. São ‘As Aventuras de Porto Bomvento’. Assim mesmo, com M sem ser antes de B ou de P.

José Ruy começou ‘As Aventuras de Porto Bomvento’ com um álbum pelo Editorial Notícias em 1987 e depois, entre 1989 e 1992, publicou mais 7 volumes pela editora ASA. Em 2005, a ASA reuniu as 8 aventuras em dois volumes, com tamanho um pouco menor, mas com ótima impressão. Porto Bomvento, personagem fictício, começa suas aventuras por episódios históricos das navegações a partir de 1480 e vai até 1523, indo aonde os portugueses foram, Cabo da Boa Esperança, Lavrador, Cataio, Austrália, e até passando pelo Brasil em 1494, seis anos antes de Cabral.

Nesta entrevista (<http://bloguedbd.blogspot.pt>), revelo que foi por minha insistente influência que José Ruy aderiu aos processos digitais, adquirindo, como é normal, técnicas próprias na utilização das potencialidades da máquina. De todos os autores nacionais, que sei que a utilizam, todos usam técnicas próprias como os programas de computador (diferentes se usam Macintosh ou o PC), todos usam métodos diferentes dos outros, tal como nos processos anteriores, onde se usavam os pincéis, os aparos, a tinta da china, os gouaches ou mesmo as aguadas (para já não falar dos papéis), ninguém trabalhava da mesma maneira. Com o computador passa-se exactamente o mesmo. O José Ruy tem a particular vantagem sobre todos os outros de ter uma formação mais completa, pois ele começou muito jovem ainda nas oficinas de “O Mosquito”, passou por todas as oficinas e ateliers de todas as revistas portuguesas e terminou esta carreira nas oficinas da Editora Europa-América. Ele conheceu por dentro todos os processos de impressão, desde as pedras litográficas, as chapas de offset, rotogravura, e agora a impressão digital. Isso dá-lhe uma autoridade que mais ninguém possui. Eu apenas trabalhei nas oficinas onde era impresso o “Cavaleiro Andante”, familiarizei-me com os mandros do offset e por aí me fiquei, pois transferi-me para a publicidade, onde trabalhei em quase meia dúzia delas, nacionais, norte-americanas e francesas, como a Publicis. O José Ruy tem, por isso, uma autoridade no assunto absolutamente ímpar.

Para um homem como você, apaixonado como é pelos Quadrinhos (detesto chamar-lhe BD!), não me surpreende nada esse seu interesse pelos processos gráficos de impressão. Minha vida foi diferente, pois mal saí do exército com vinte e poucos anos, engajei-me nas oficinas do “Diário de Notícias”, onde era impresso o “Cavaleiro Andante”, e trabalhei ali uma boa meia dúzia de anos. Ainda me transferi para a secção de rotogravura, um processo de impressão eminentemente europeu (o “Paris Match” e a “Elle” eram impressos nesse processo), mas os americanos mantiveram-se até hoje fiéis ao offset (impressão indirecta, pois a chapa é transmitida às avessas a um rolo de borracha que depois imprime às direitas no papel de uma rotativa), e sofisticaram de tal maneira o processo que ele hoje impera por todo o mundo. A “Time” e a “Newsweek” continuam a usar esse sistema de impressão, bem como a “National Geographic”, o que avaliza bem a sua supremacia. Hoje já existe a impressão digital, com a incorporação dos computadores, e isto embarateceu muito os custos de produção, como decerto sabe. Nos meus fanzines, porque as tiragens não ultrapassam a meia centena de exemplares, eu uso a fotocópia laser, que serve perfeitamente. Mas se eu tivesse tiragens na ordem das centenas, teria de mudar o sistema, claro. Isso não está fora de causa, mas por enquanto é impraticável.

ABELARDO SOUZAR. Osvaldo Prado, 102 – Nova Iguaçu – RJ – 26580-370

O guru dos gurus fanzineiros. Desculpe-me, o teu “QI” não é um fanzine e sim um Magazine dos Quadrinhos. Continuas soberbo no 134. Os pinguins vendo o gelo derreter-se, um desmaia, outro pula de alegria. E nós, humanos, como ficamos? Rir ou chorar?

Encontrei em ‘O Mundinho dos Quadrinhos’, um gibi denominado “Bob”. Este gibi, pela marcação feita por mim na capa, foi adquirido em 1967, pois o cruzeiro havia sido desvalorizado – mais uma vez –, denominando-se Novo Cruzeiro (para uns), Cruzeiro Novo (para outros?). O encarte ‘O Mundinho dos Quadrinhos’ equivale a uma enciclopédia nostálgica (pelo menos, para mim). Espero que essas cópias (que envio) venham preencher um dente careado em sua imensa biblioteca.

O Cruzeiro Novo vigorou entre 13/02/1967 e 15/05/1970. Como na capa do livro “Bob”, o preço estava em NCr\$, deu para deduzir que era anterior a maio de 1970. Se você anotou em seu exemplar o ano 1967, então temos uma data mais precisa.

Abelardo enviou cópias de artigos de Worney sobre Angelo Agostini, Monteiro Filho e Nair de Teffé. Obrigado.

JOSÉ MAGNAGO

R. Jerônimo Ribeiro, 117 – Cach. de Itapemirim – ES – 29304-637

Você é um batalhador e grande conhecedor dos Quadrinhos, sejam nacionais ou estrangeiros. Merece um troféu. Seu “QI” nos traz importantes informações e tem vindo constantemente com ótimos suplementos, como é o caso deste nº 134, que trouxe o anexo ‘O Mundinho dos Quadrinhos’, ambos ótimos, o nº 134, com belíssima capa colorida; sobre o anexo referido, gostaria de dizer que na minha humilde opinião, não concordo onde você diz “Águia Negra – talvez a pior das histórias já importadas e impressas pela Rio Gráfica, no período de 1955 a 1960.” Eu sempre gostei de suas HQs, e dos ótimos desenhos, embora fosse plágio do Fantasma. E se não tivesse agradado, não seria publicado por tantos anos e não teria tido Almanacos como teve. E dessa editora australiana podemos citar outros plágios do Fantasma e que também foram publicados aqui no Brasil: Cavaleiro Fantasma (La Selva e Rio Gráfica), O Sombra (idem). O Águia Negra teve várias HQs desenhadas por brasileiros, como o Walmir Amaral de Oliveira e Arnaldo Sinatti, com belas histórias e bonitos desenhos. Muitos não gostam do Águia Negra, mas muitos gostaram.

Aquele comentário sobre o Águia Negra é do Ionaldo, e não meu. Eu gostava do herói quando eu era criança. Hoje eu vejo que era um material mediano, como você disse, uma cópia do Fantasma, mas sem a qualidade dos roteiros de Falk e dos desenhos de Barry. É verdade que a RGE atropelava bastante os desenhos nas adaptações e isso prejudicou um pouco o herói.

Quanto ao anel do Fantasma, sobre a boa marca, a revista “Mundo dos Super-Heróis” nº 68 fez um desafio, e na nº 69, o leitor Hélio Guerra, que é de Parnaíba do Sul e não Paraíba do Sul, como constou na “Mundo”, e é leitor do “Castelo de Recordações”, diz: “o desenho do anel de proteção não tem dois sabres e sim quatro, que representam os capitães piratas Barba Ruiva, Black Bart, Salla e Crusher. Esse anel surgiu nas tiras diárias em 1958. No Brasil, a história saiu em “Fantasma” nº 36, da RGE, em 1959”.

Não sei de onde o Hélio Guerra tirou essa informação, mas é claro que uma Boa Marca não será formada de sabres de piratas. Consultando as listas do Jan Hendriks, há uma história chamada ‘The Carlyle’s Good Mark’, publicada originalmente em tiras entre 5/5/1958 e 23/8/1958, e, no Brasil, na revista “Fantasma” nº 36 e no “Almanaque Fantasma” no final de 1959. Nessa história, um médico salva o avô do Fantasma atual e recebe a Boa Marca no braço. Curiosamente, numa história anterior, publicada originalmente em tiras entre 1/8/1955 e 8/10/1955, outro médico salva o pai do Fantasma e é convidado a criar um hospital na selva. O médico e o hospital ficam sob proteção do Fantasma de então, mas não há o sinal da Boa Marca para indicar essa proteção.

Agradeço-lhe sua lembrança e indicação sobre matérias que publiquei no “CR”: página 18, sobre o Capitão Atlas, o primeiro herói de HQs nacionais a ter gíbi próprio, no início da década de 50, e depois republicação com outros desenhistas, como Getúlio Delphin e Fernando de Lisboa; e página 19, sobre o ‘The Heap’, que teve matéria no “Devoradores de Gibis” nº 10, onde publiquei a capa do gíbi “Mundo Juvenil”, da editora Aliança; e página 5 do anexo, citando o meu nome e o “DG” nº 10, sobre o mesmo ‘The Heap’.

Quanto à Morena Flor, mencionada na página 7 do ‘Mundinho’, o autor foi André Le Blanc, que também foi o seu desenhista. Tira diária, numa tentativa de distribuição nos moldes norte-americanos. A Apla distribuía por toda a América Latina e até nos Estados Unidos. Isso em 1947. Ionaldo diz que foi em 1949, mas foi criada em 1946 e saiu em 1947. Foi publicada no jornal “O Globo” e em alguns outros, e depois saiu em gíbi do Capitão Atlas, da editora Ayrosa, nos nºs 21 e 23. Infelizmente, Le Blanc logo foi para os Estados Unidos, onde desenhou Capitão Marvel, Fantasma, O Espírito e outros heróis. E também não pôde se dedicar muito à heroína porque na mesma época começou a desenhar romances para a Ebal, como O Guarani e outros, na “Edição Maravilhosa”. No “Heróis Nacionais” do Dr. José Eduardo Cimó, à página 145, consta informações, capas e páginas do nº 21 do “Capitão Atlas” sobre essa heroína. Acho que é a primeira heroína brasileira a ser publicada. Depois tivemos outras, mas não são muitas.

LINCOLN NERY

R. Helade, 111, ap. 102 – Rio de Janeiro – RJ – 20730-490

Informo que chegou a edição 134 de “QI” e realmente é uma revista que me prende desde que abro o envelope. Também agradeço a publicação da HQ do Jucal, sem dúvida foi o único editor que me deu oportunidade de participar de publicação impressa, desde que “surgiu” em 2002, criando o site/catálogo on line Brasil Comics, que, apesar de ser pouco lembrado, creio que fiz a minha parte reunindo e resgatando informações, mesmo que básicas, dos personagens nacionais, assim como os que estavam surgindo na internet para uma geração que os desconhecia, devido aos problemas de distribuição das publicações que temos. Depois, veio o Rod Gonzales inspirado como o BR Comics e além de ser um colaborador com pesquisas mais profundas, abriu seu fotologue de divulgações no Terra e logo depois se formou toda uma geração de artistas que se conheceram entre os fotologues, como o Johnny Fonseca, Rafael Tavares, Marcos Grató, Bruno Sauerbronn, e outros mais antigos já com suas publicações como o Gabriel Rocha, Francinildo Sena, Emir Ribeiro e tantos que me perco em lembrar. O “comics” no nome do site foi criticado por alguns artistas mais nacionalistas, mas foi por um motivo técnico; os buscadores de internet vão pelas palavras-chave, e o meu objetivo era atrair o cara que fazia uma busca sobre “Marvel Comics”, por exemplo. Ou seja, o site não era para o artista, editor, ou leitor de quadrinhos nacionais, mas sim para trazer os leitores de HQs estrangeiras. Na época foi um grande sucesso, cheguei a ser chamado para uma entrevista em rádio de São Paulo, como sou do Rio de Janeiro ficou inviável. Também fui convidado para falar do site para o jornal “O Globo”, em uma seção chamada ‘Planeta Globo’ destinada aos jovens, mas por um motivo desconhecido por mim não ocorreu. O único que fez um registro sobre o trabalho foi o Sidney Gusman no site Universo HQ – depois de um puxão de orelhas por usar um texto sobre Zé Carioca sem creditar. Se serve de desculpas, na época eu tinha 16 anos e nenhuma noção de regras de publicação, fazia só por boa vontade. Por essa ajuda que me destes com publicações no “QI”, um trabalho de alta qualidade, fiquei duas vezes mais satisfeito de ter sua colaboração no livro “Batman A Trajetória: Qual o Segredo do Morcego?”, programado para ser lançado entre fevereiro e março de 2016.

JOSÉ JOÃO DE ARRUDA FILHO

R. Caranguejo, 249 – Eldorado – SP – 09971-100

Cara, cada publicação que recebo sua me deixa “perplexo”, com as pesquisas, com seu trabalho e acima de tudo com a dedicação e carinho com que os produz. Continue firme. Seu trabalho deveria ter um investimento, no mínimo, público. “QI” 134 e ‘O Mundinho dos Quadrinhos’, muito bons mesmo. Sei que pode parecer mentira, mas sou remessado ao passado quando leio sobre gibis (do meu passado distante). É bom recordar, é sinal que valorizamos o que foi bom!

LIO GUERRA BOCORNY

R. Jerônimo V. das Chagas, 55/104 – Florianópolis – SC – 88063-660

Gostei de que tenhas achado boa a sugestão sobre o Capitão Atlas, que fez a alegria da gurizada nos anos 1950 em programa radiofônico que acabou numa revista de apenas 24 números. Essa coleção é uma das poucas que guardei e envio cópia das capas. Se achar interessante, poderei elaborar comentários a respeito do herói.

Aceto a sugestão, aguardo um texto seu sobre o Capitão Atlas para publicação num próximo “QI”, pode fazer do tamanho que quiser, incluirei as capas que já me mandou.

FRANCISCO FILARDI

Est.Adhemar Bebiano, 257/306, bl.3 – Rio de Janeiro – RJ – 21051-071

Desta vez, o envelope vai magrinho, mas com matéria interessante publicada pela “Tabu” do grupo Estação Net de Cinema, sobre a participação da mulheres na 7ª Arte. Muito interessante a nota sobre a cruz gamada do Fantasma e sua inspiração na suástica.



A revista "Gatos & Alfases", título alternativo dedicado à cultura underground chega ao seu número 6. A edição dedica matéria de capa ao Ciberpajé Edgar Franco, que participa de uma longa entrevista conduzida pela IV Sacerdotisa Danielle Barros enfocando suas obras recentes: o novo CD de sua banda Posthuman Tantra, "Lúcifer Transgênico", e o projeto "Ciberpajé: Egrégora". A publicação inclui também uma HQ de Edgar Franco e matérias assinadas por grandes mentes do underground nacional. A edição tem um item especial que acompanha 300 exemplares, o CD "Ciberpajé - Egrégora", com 21 bandas de 5 países - Inglaterra, Suíça, França, Colômbia e Brasil - musicando 21 aforismos do Ciberpajé gravados previamente com sua voz.

Serviço: Gatos & Alfases # 6/ Agosto de 2015 - 36 páginas. Capa colorida, miolo p&B. Formato A4 - Papel Couchê. A revista pode ser adquirida através do site <http://www.elo7.com.br/auroraposhumana/produtos> e por e-mail da IV Sacerdotisa Danielle Barros: danbiologa@gmail.com

Divulgação do "QI" 134 feita por CESAR SILVA em seu blog:

<http://mensagensdohiperespaco.blogspot.com>

Está circulando o número 134 do fanzine "Quadrinhos Independentes - QI", editado por Edgard Guimarães, dedicado ao estudo dos quadrinhos no Brasil, com especial destaque à produção independente e aos fanzines nacionais. Esta edição tem 32 páginas e traz um longo artigo do editor detalhando a publicação de Os Vingadores no Brasil, artigo de Carlos Gonçalves sobre uma edição portuguesa de Tex, "25 Anos do Jornal O Capital", de Eduardo Waack, textos curtos com curiosidades diversas, quadrinhos de Luiz Cláudio Lopes Faria, Lincoln Nery, Chagas Lima e Arruda, e as seções fixas "Fórum", "Mantendo Contato" e o catálogo "Edições Independentes", com os lançamentos do bimestre. A capa traz uma ilustração de Guimarães, colorizada manualmente com hidrográficas.

Junto ao "QI" chegou também aos assinantes o fanzine "O Mundinho dos Quadrinhos", edição especial de 8 páginas na qual Edgard aponta e corrige uma série de equívocos dos verbetes da edição de referência "O Mundo dos Quadrinhos", de Ionaldo Cavalcanti. Para obter exemplares destas publicações é necessário fazer uma assinatura anual do "QI".

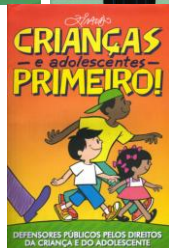
Divulgação do "QI" 134 feita por CARLOS RICO no blog: <http://bloguedbd.blogspot.pt>

Mais um número do fanzine "QI" ("Quadrinhos Independentes") que o seu ativo editor, Edgard Guimarães, teima (e muito bem!) em publicar com regularidade impressionante.

Neste número, para além das habituais rubricas 'Fórum', 'Edições Independentes', 'Mantendo Contato' e 'Poeta Vital', temos outros artigos de interesse como o que o próprio Edgard Guimarães dedica ao Capitão América, ou o que o nosso amigo Carlos Gonçalves escreve sobre "Patagônia", a primeira aventura de Tex publicada em Portugal. Como "brinde" deste número, temos o pequeno mas bastante útil encarte 'O Mundinho dos Quadrinhos', onde Edgard aponta e corrige alguns equívocos de "O Mundo dos Quadrinhos", obra de referência nas HQs brasileiras, de Ionaldo Cavalcanti.

QUADRINHOS INSTITUCIONAIS

Paulo Joubert Alves enviou a cartilha ilustrada "Guia do Empreendedor", do Sebrae; toalha de mesa de papel ilustrada do McDonalds; Informativo da Prefeitura de Belo Horizonte mencionando várias publicações institucionais; e catálogo ilustrado "Férias com Saúde" da companhia de saúde Hermes Pardini. Eduardo Guimarães enviou a "Cartilha do Trabalho Seguro e Saudável", feita pela Associação Nacional dos Magistrados da Justiça do Trabalho. Cleber José Coimbra enviou reportagem do jornal "Correio Braziliense" em forma de telenovela. Consegui a cartilha ilustrada "Crianças e Adolescentes Primeiro!", produzida por Ziraldo para a Associação Nacional dos Defensores Públicos; e edição promocional do livro "Pax - O Cajado da Maldição" trazendo páginas com HQs.



MANTENDO CONTATO



ESPAÇO DE PALPITOLOGIA DE WORNEY ALMEIDA DE SOUZA (WAZ)

CURTAS! CURTAS! CURTAS! CURTAS

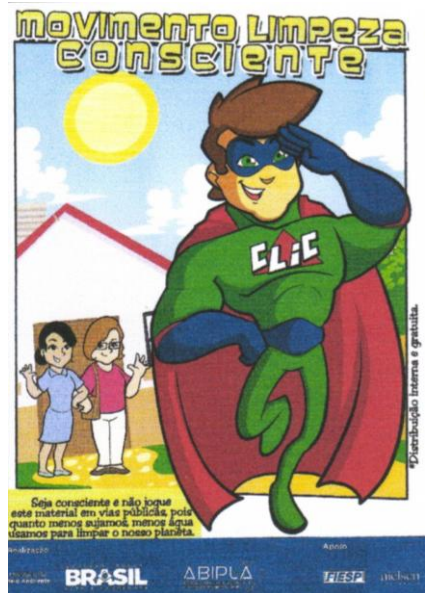
Vamos retomar as notícias, notas, informações e opiniões sobre os Quadrinhos atuais e os lançamentos que sempre pipocam em nosso mercado.

CAPITÃO LIMPEZA

Saiu uma edição institucional chamada “Movimento Limpeza Consciente”. Editada pela Abipla (Associação Brasileira das Indústrias de Produtos de Limpeza e Afins) e do Ministério do Meio Ambiente e apoio da Fiesp e da Nielsen. Com oito páginas, a edição tem uma HQ de três páginas com o personagem Clic (Capitão Limpeza Consciente). A publicação apresenta as formas mais adequadas e econômicas de usar produtos de limpeza, ler os rótulos e descartar as embalagens. Metade da revista tem as ‘Dicas do Clic’, que podem ser destacadas (tem o picote!). Com distribuição gratuita, “Movimento Limpeza Consciente” tem sua utilidade, mas parte de conceitos culturais que sobrevivem na memória coletiva e na imaginação preguiçosa dos autores (que não são identificados). O personagem principal é um conjunto de estereótipos dos Quadrinhos que persistem e persistiram por muito tempo. Clic (Capitão Limpeza Consciente) é o clássico super-herói que tem uma máscara (para ocultar sua identidade), uniforme colante no corpo sarado, capa, luvas e cinto. Sorriente, branco, solícito, Clic tem até um topete ao estilo dos anos 50! O personagem voa e parece bem forte. Ele também é um motivador, transmite todas as informações principais sobre os produtos de limpeza e, como é um super-herói, tem toda a credibilidade necessária e a suposição da verdade. Condições suficientes para que as outras personagens da HQ (duas donas de casa) acreditem em toda a mensagem.

Curioso como o formato super-herói sobrevive como alguém que pode resolver todos os problemas do cidadão comum, até para descartar embalagens de produtos de limpeza!

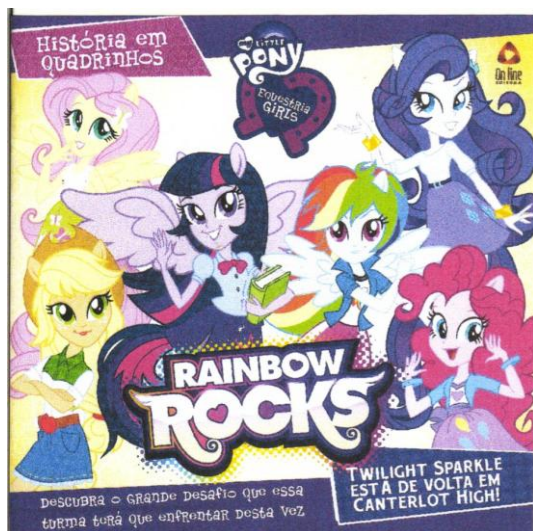
“Movimento Limpeza Consciente” – Abipla, 14,5x20,5cm, cor, 8 páginas, lombada canoa, papel couché, distribuição gratuita.



RAINBOW ROCKS

Saiu o segundo número da revista “Rainbow Rocks”. Publicada pela editora On Line, a publicação é uma derivação da franquia My Little Pony e Equestria Girls. A típica história para crianças e pré-adolescentes com uma turminha de meninas na escola, nas férias, no consumo e nas relações pessoais típicas da idade. Nada muito profundo, nem muito divertido, nem muito aventureiro. Só um espelho de uma parcela social bem abastecida e abonada, que não tem muitos obstáculos na vida. Briguinhas, estudos, música e sentimentos fúteis que atraem uma boa parcela de público. Mas o problema não é exatamente a motivação da história, mas nomear essa publicação de HISTÓRIA EM QUADRINHOS! Na verdade, a edição reúne fotogramas do desenho animado, acrescidos de legendas e balões. A On Line editora é craque em publicar essas adaptações de desenhos animados e de novelas (como “Chiquititas” e “Carrossel”) e indicar na capa como História em Quadrinhos. A discussão é de conceito, mas esse material não pode ser considerado como HQ. Não foi criado como HQ, tem um andamento diferente, apresentação diferente e roteiro diferente. Reunir fotogramas encadeados pode contar uma história, mas não é uma HQ! Assim, poderia ser uma foto aventura ou uma animação impressa ou ainda uma história ilustrada, mas nunca uma HQ!

“Rainbow Rocks” 02 – On Line editora, 20x20,5cm, cor, 36 páginas, lombada canoa, papel couché, R\$ 9,99.



MARCATTI E A “LASCA DE QUIRICA”

O mestre do Quadrinho e do udergrade nacional, Marcatti resolveu produzir uma revista periódica. Trata-se de “Lasca de Quirica” que vai sair de dois em dois meses. Depois de uma boa engenharia financeira, Marcatti lançou um novo conjunto de “HQs desagradáveis”!

O primeiro número de “Lasca de Quirica” tem cinco histórias curtas de Marcatti em seu estilo sarcástico e eschachado. Realmente não deixa pedra sobre pedra! Essa edição tem um convidado na seção ‘Lasca da Vez’: Pablo Carranza com as HQs ‘O Jovem Rivalino na Puberdade’ e ‘Playboy de Nazaré’.

A revista tem uma tiragem de mil exemplares e tem apoio de cinco patrocinadores. Uma nova aposta do grande autor que, para quem não sabe, imprime suas edições em uma máquina offset (Multilith 1250 fabricado em 1954) que mantém em casa.

“Lasca de Quirica” 01 – edição do autor, 15,5x23cm, p&b, 24 páginas, lombada canoa, tiragem de 1000 exemplares, papel offset, R\$ 11,90.

EDIÇÕES INDEPENDENTES



O DIÁRIO DE VIRGÍNIA
Cátia Ana
32p. 14X20cm.
Imersão no processo criativo em quadrinhos
www.marcadefantasia.com



FANZINE COMO OBRA DE ARTE:
da subversão ao caos
William Busanello
60p. 13X20cm.
www.marcadefantasia.com



HERÓIS DA RESISTÊNCIA:
uma história dos quadrinhos paraibanos (1963-1991)
Regina Behar & Waldomiro Vergueiro
60p. 14X20cm.
Leitura crítica dos quadrinhos paraibanos
www.marcadefantasia.com



HUMOR EM PÍLULAS:
a força criativa das tiras brasileiras
Henrique Magalhães
2ª edição. 100p. 14X20cm.
A história e a importância das tiras para os quadrinhos brasileiros
www.marcadefantasia.com



O INVENTOR DO FANZINE:
um perfil de Edson Rontani
Gonçalo Junior
112p. 13X20cm.
www.marcadefantasia.com

QUADRINHOS

ABISMOS DO LOBO * acompanha um ímã * n° 2 * set/2015 * 16 pág. * A5 * **Danielle Barros** – C.P. 88 – Teixeira de Freitas – BA – 45985-970 – danbiologa@gmail.com.

BENJAMIN PEPPE * n° 2 * out/2015 * 28 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 + porte * **Paulo Miguel dos Anjos** – Pr. Francisco de Santiago, 60 – São Paulo – SP – 02514-070.

O BOM & VELHO FAROESTE * n° 10 * jul/2015 * 40 pág. * A5 * capa color. * R\$ 7,00 * **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

O BOM & VELHO FAROESTE * n° 11 * ago/2015 * 36 pág. * A5 * capa color. * R\$ 7,00 * **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

BRAKAN * *Mozart Couto* * ago/2015 * 188 pág. * A4 * capa color. * R\$ 49,00 * **Marcos Freitas** – fanzinequadrinhos@gmail.com.

CARTUM * n° 97 * set/2015 * 28 pág. * A5 * color. * R\$ 90,00 (assinatura anual) * **Aldo Maes dos Anjos** – R. Nova Trento, 758 – Azambuja – Brusque – SC – 88353-401.

CARTUM * n° 98 * out/2015 * 24 pág. * A5 * color. * R\$ 90,00 (assinatura anual) * **Aldo Maes dos Anjos** – R. Nova Trento, 758 – Azambuja – Brusque – SC – 88353-401.

CATACUMBA * n° 2 * set/2015 * 44 pág. * 180x260mm * capa color. * R\$ 15,00 * **Francisco Garcia** – R. Bartolomeu Feio, 674 – V. Cordeiro – São Paulo – SP – 04580-001.

CLUBE PLANET HQ * n° 67 * set/2015 * 8 pág. * A5 * **José João de Arruda Filho** – R. Caranguejo, 249 – Eldorado – Diadema – SP – 09970-100.

CRÂNIO * n° 5 * out/2015 * 36 pág. * A5 * capa color. * R\$ 6,00 * **Gil Mendes** – R. Mata Machado, 603 – São Paulo – SP – 03215-000 – www.lordekramus.blogspot.com.br.

O DIÁRIO DE VIRGÍNIA * *Cátia Ana* * 2015 * 32 pág. * 140x200mm * capa color. * R\$ 10,00 * **Henrique Magalhães** – Av. Maria Elizabeth, 87/407 – João Pessoa – PB – 58045-180.

FANDAVENTURAS ESPECIAL * *Rob the Rover em inglês* * n° 15 * 2015 * 70 pág. * A4 * capa color. * 10 euros + porte internacional * **José Pires** – gussy.pires@sapo.pt.

FANDAVENTURAS ESPECIAL * *Rob the Rover em inglês* * n° 16 * 2015 * 68 pág. * A4 * capa color. * 10 euros + porte internacional * **José Pires** – gussy.pires@sapo.pt.

FANDAVENTURAS ESPECIAL * *Rob the Rover em inglês* * n° 17 * 2015 * 70 pág. * A4 * capa color. * 10 euros + porte internacional * **José Pires** – gussy.pires@sapo.pt.

FANDWESTERN * *Série Matt Marriott* * n° 28 * 2015 * 50 pág. * A4 * capa color. * 10 euros + porte internacional * **José Pires** – gussy.pires@sapo.pt.

FANDWESTERN * *Série Matt Marriott* * n° 33 * 2015 * 52 pág. * A4 * capa color. * 10 euros + porte internacional * **José Pires** – gussy.pires@sapo.pt.

FANDWESTERN * *Série Matt Marriott* * n° 34 * 2015 * 52 pág. * A4 * capa color. * 10 euros + porte internacional * **José Pires** – gussy.pires@sapo.pt.

FANDWESTERN * *Série Matt Marriott* * n° 35 * 2015 * 56 pág. * A4 * capa color. * 10 euros + porte internacional * **José Pires** – gussy.pires@sapo.pt.

FANDWESTERN * *Série Matt Marriott* * n° 36 * 2015 * 56 pág. * A4 * capa color. * 10 euros + porte internacional * **José Pires** – gussy.pires@sapo.pt.

FANZINE COMO OBRA DE ARTE * 2015 * 64 pág. * 130x200mm * capa color. * R\$ 15,00 * **Henrique Magalhães** – Av. Maria Elizabeth, 87/407 – João Pessoa – PB – 58045-180.

FORMIGA – No Carnaval da Vida * 2014 * 120 pág. * 170x240mm * capa color. * **Sivanildo Sill** – R. Jornalista J. Abrantes, 532 – Divinópolis – Caruaru – PE – 55010-430.

HERÓIS DA RESISTÊNCIA * 2015 * 60 pág. * 140x200mm * capa color. * R\$ 15,00 * **Henrique Magalhães** – Av. Maria Elizabeth, 87/407 – João Pessoa – PB – 58045-180.

HUMOR EM PÍLULAS * 2015 * 100 pág. * 140x200mm * capa color. * R\$ 25,00 * **Henrique Magalhães** – Av. Maria Elizabeth, 87/407 – João Pessoa – PB – 58045-180.

O INVENTOR DO FANZINE * 2015 * 116 pág. * 130x200mm * capa color. * R\$ 25,00 * **Henrique Magalhães** – Av. Maria Elizabeth, 87/407 – João Pessoa – PB – 58045-180.

JORNAL GRAPHIQ * n° 97 * set/2015 * 12 pág. * 280x320mm * capa color. * R\$ 4,00 * **Mário Latino** – C.P. 153 – Suzano – SP – 08675-970.

JOU VENTANIA * n° 3 * set/2015 * 28 pág. * A5 * capa color. * R\$ 10,00 * a/c **Roseli Amorim** – R. Alcindo Guanabara, 24, sala 907 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – 20031-130.

JOU VENTANIA * n° 4 * out/2015 * 28 pág. * A5 * capa color. * R\$ 10,00 * a/c **Roseli Amorim** – R. Alcindo Guanabara, 24, sala 907 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – 20031-130.

KHNEIRA * n° 12 * ago/2015 * 8 pág. * A6 * **Marcelo D. Amorim** – R. Anapurus, 32, cs.01 – São Gabriel – Belo Horizonte – MG – 31980-210 – khneira@gmail.com.

LEITOR VIP * n° 31 * set/2015 * 16 pág. * A5 * **Aldo dos Anjos** – R. Nova Trento, 758 – Azambuja – Brusque – SC – 88353-401.

LEITOR VIP * n° 32 * out/2015 * 16 pág. * A5 * **Aldo dos Anjos** – R. Nova Trento, 758 – Azambuja – Brusque – SC – 88353-401.

O LIVRO NEGRO DO SPEKTRO * n° 1 * set/2015 * 88 pág. * A5 * capa color. * R\$ 15,00 + porte * **Fábio Chibilski** – R. Jorge Holzmann, 555 – V. Oficinas – Ponta Grossa – PR – 84043-015.

MICHÈLLE A VAMPIRA * *Emir Ribeiro* * ago/2015 * 86 pág. * A4 * capa color. * R\$ 24,90 * **Marcos Freitas** – fanzinequadrados@gmail.com.

MINI PORTFOLIOZINE DE ILUSTRAÇÕES * n° 1 * mai/2015 * 32 pág. * A8 * **Danielle Barros** – C.P. 88 – Teixeira de Freitas – BA – 45985-970 – danbiologa@gmail.com.

MOCINHOS & BANDIDOS * n° 116 * dez/2015 * 44 pág. * A4 * capa color. * R\$ 59,00 (ass. 4 n°s) * **Diamantino da Silva** – R. Prof. José Horacio M. Teixeira, 538, B.4, ap.54 – São Paulo – SP – 05640-903.

NEO STIGMA * n° 1 * set/2015 * 62 pág. * A4 * capa color. * R\$ 15,00 + porte * **Fábio Chibilski** – R. Jorge Holzmann, 555 – Vila Oficinas – Ponta Grossa – PR – 84043-015.

SPEKTRO * n° 5 * set/2015 * 106 pág. * A4 * capa color. * R\$ 17,00 + porte * **Fábio Chibilski** – R. Jorge Holzmann, 555 – Vila Oficinas – Ponta Grossa – PR – 84043-015.

TARZAN * *páginas coloridas de Manning de 1971* * 2015 * 56 pág. * 325x215mm * color. * R\$ 80,00 mais porte * **Lirio Comics** – R. Pedro Kurowsky, 250 – São Bento do Sul – SC – 89290-000.

TARZAN * *páginas coloridas de Manning de 1972* * 2015 * 58 pág. * 325x215mm * color. * R\$ 80,00 mais porte * **Lirio Comics** – R. Pedro Kurowsky, 250 – São Bento do Sul – SC – 89290-000.

TARZAN * *páginas coloridas de Manning de 1973* * 2015 * 56 pág. * 325x215mm * color. * R\$ 80,00 mais porte * **Lirio Comics** – R. Pedro Kurowsky, 250 – São Bento do Sul – SC – 89290-000.

TARZAN * *páginas coloridas de Manning de 1974* * 2015 * 56 pág. * 325x215mm * color. * R\$ 80,00 mais porte * **Lirio Comics** – R. Pedro Kurowsky, 250 – São Bento do Sul – SC – 89290-000.

TARZAN * *páginas coloridas de Manning de 1975* * 2015 * 56 pág. * 325x215mm * color. * R\$ 80,00 mais porte * **Lirio Comics** – R. Pedro Kurowsky, 250 – São Bento do Sul – SC – 89290-000.

TARZAN * *páginas coloridas de Manning de 1976* * 2015 * 56 pág. * 325x215mm * color. * R\$ 80,00 mais porte * **Lirio Comics** – R. Pedro Kurowsky, 250 – São Bento do Sul – SC – 89290-000.

FICÇÃO CIENTÍFICA E HORROR

JUVENATRIX * n° 173 * out/2015 * 16 pág. * arquivo pdf via e-mail * **Renato Rosatti** – renatorosatti@yahoo.com.br.

OUTROS ASSUNTOS

O CAPITAL * n° 255 * set/2015 * 16 pág. * A4 * **Ilma Fontes** – Av. Ivo do Prado, 948 – Aracaju – SE – 49015-070.

O CAPITAL * n° 256 * out/2015 * 16 pág. * A4 * **Ilma Fontes** – Av. Ivo do Prado, 948 – Aracaju – SE – 49015-070.

CORAÇÃO MELANCÓLICO * n° 6 * 2015 * 8 pág. * A5 * **José João de Arruda Filho** – R. Caranguejo, 249 – Eldorado – Diadema – SP – 09970-100.

MIÚRA * n° 6 * set/2015 * 8 pág. * A5 * **José João de Arruda Filho** – R. Caranguejo, 249 – Eldorado – Diadema – SP – 09970-100.

MNEMOSINE * *contos* * 2015 * 182 pág. * A5 * capa color. * **Carmelo Ribeiro** – R. Comerciante José Joaquim da Cruz, 126 – Valentina – João Pessoa – PB – 58063-540.

PESSOAS & LUGARES * *quase memórias* * 2015 * 84 pág. * A5 * capa color. * **Eduardo Waack** – R. Benedito Aleixo do Nascimento, 219 – Matão – SP – 15990-776.

LITERATURA, POESIA e MÚSICA

O BOÊMIO * n° 307 * **Eduardo Waack** – R. Benedito Aleixo do Nascimento, 219 – Matão – SP – 15990-776.

BOLETIM DA AFNB * n°s 36, 38, 40 e 41/2015 – C.P. 6261 – Ag. W3 – 508 Asa Norte – Brasília – DF – 70740-971.

CORREIO DA PAZ * n° 22 * **Rosângela Carvalho** – C.P. 5366 – Ac. Taguatinga – Brasília – DF – 72010-971.

COTIPORÁ CULTURAL * n° 59 * **Adão Wons** – R. Marclício Dias, 253 – Térreo – Cotiporã – RS – 95353-000.

EXPRESSANDO EM POESIA * n° 58 * **Maria de Mello Bandeira** – R. São Gabriel, 461 – Urlândia – Santa Maria – RS – 97070-620.

O GARIMPO * n°s 122 e 123 * **Cosme Custódio da Silva** – R. dos Bandeirantes, 841/301 – Matatu – Salvador – BA – 40260-001.

VIDA E PAZ * n° 173 * **Mauro Sousa** – R. Manoel Nascimento Júnior, 366, fundos – São Vicente – SP – 11330-220.

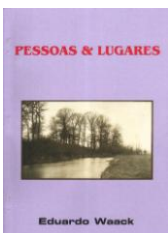
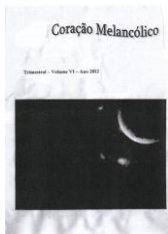
GALERIA DE CAPAS



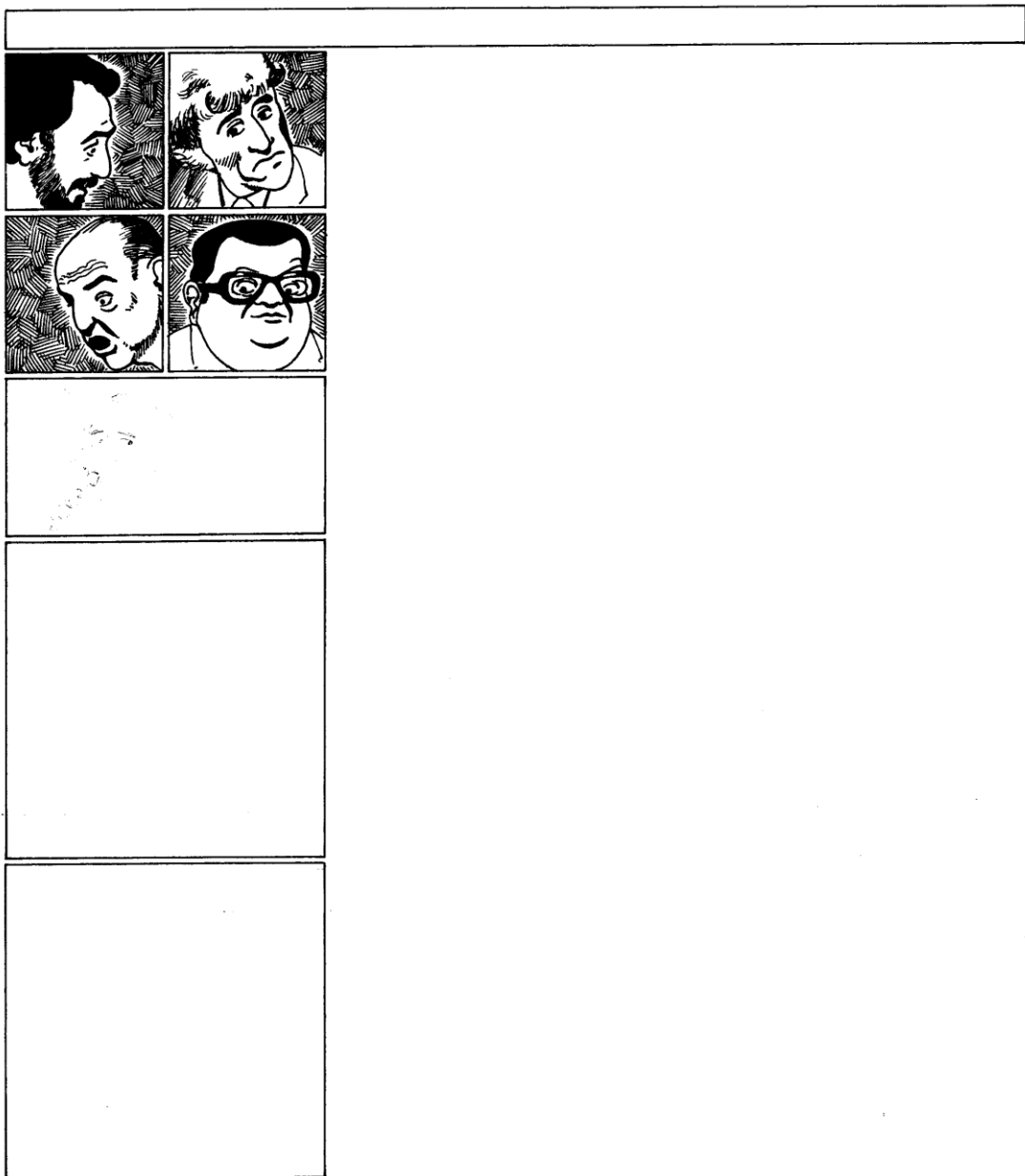
PUBLICAÇÕES ALEMÃS



Gerd Bonau enviou as duas revistas mostradas acima. A primeira é um catálogo da Panini alemã. Os principais produtos da editora são as revistas e álbuns da DC e da Marvel. Basicamente a mesma tralha daqui. Além disso, publica um pouco de Star Wars, Spawn (ainda existe?), Simpson, mangás e uma dose de álbuns europeus. Não muito. No quesito mangá, é pior do que no Brasil, só títulos para meninhas. A segunda revista é dedicada aos quadrinhos em geral, com muito texto, entrevistas, dando grande destaque ao material mais alternativo, aos cartuns, às publicações satíricas, coisa que por aqui nem existe. É interessante notar que em tempos de blogs, o mercado alemão aceita uma revista informativa impressa de ótima qualidade. Aqui no Brasil, esse tipo de revista nunca pegou. Atualmente, só a “Mundo dos Super-Heróis” é que resiste, mas, como o próprio nome diz, bem direcionada a este gênero. Na revista alemã, uma página informando os falecimentos no mundo dos quadrinhos. Além de 3 autores menos conhecidos para nós, dois alemães e um tchecoslovaco, os americanos Leonard Starr, Alan Kupperberg e o inglês John Dixon, cuja principal produção, ‘Air Hawk and the Flying Doctors’, foi feita para o mercado australiano. Uma série muito boa que no Brasil foi publicada apenas em jornais.



Gerd também enviou um cartão postal com o cartum acima. Tentei o tradutor automático do Google, mas ele não entendeu a piada.



Durante um certo período de minha atividade fanzineira, achei que seria interessante criar algum papel de carta personalizado. Fiz vários e os usei. Este mostrado acima, não terminei e, portanto, não foi usado. A tira lateral seria uma História em Quadrinhos, ideia já usada nos papéis anteriores. No entanto, não consigo lembrar – e nem sei se na época eu sabia – qual história começaria com as imagens de Henfil, Ziraldo e Jaguar, seguidas pela de Delfim Neto!!!
Fica o mistério.

Poeta Vital

"DEUS, SENDO BOM, FEZ TODAS AS COISAS BOAS. DE ONDE ENTÃO VEM O MAL?"

ACHO QUE O ASSUNTO AINDA É O MOLEQUINHO, QUE APARECEU NA PRAIA, DEITADINHO, PARECIA DORMIR, O ANJINHO...



ACHEI TRISTE DE MAIS A AREIA EMBALANDO O MENINO, AS ÁGUAS E OS SAIS TRAÇANDO SEU DESTINO, CEIFANDO, SEM MAIS, O FUTURO CLANDESTINO.



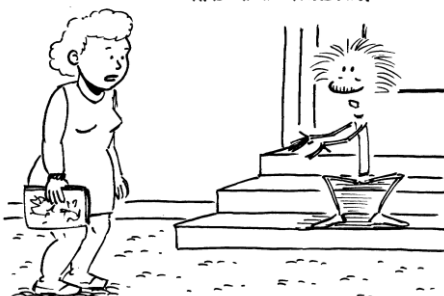
MAS SE FOR PARA INVOCAR AGOSTINHO A CADA CRIANÇA QUE MORRE, É TANTO PEQUENINHO QUE NINGUÉM SOCORRE, VAI LHE ENTUPIR O ESCANINHO, PRO SANTO, VAI SER UM PORRE.



EM SUAS "CONFISSÕES", AGOSTINHO QUESTIONAVA, BASEADO EM SUPOSIÇÕES QUE A LÓGICA NÃO DESATAVA, E A FALTA DE SOLUÇÕES TANTO O ATORMENTAVA.



SE MUDASSE O PONTO DE VISTA, DEIXANDO DE CONSIDERAR O PRESSUPOSTO MORALISTA DE QUE O BEM DEVE TRIUNFAR, A RESPOSTA, REALISTA, NÃO IRIA TARDAR.



MAS ADIANTA A RESPOSTA QUE ESCLAREÇA A SITUAÇÃO, SE TRAZ COMO CONTRAPROPOSTA A CONSTATAÇÃO DE NÃO HAVER DIVINDADE DISPONÍVEL A NOS DAR CONSOLAÇÃO?... AGOSTINHO APOSTA EM FICAR COM A INQUIETAÇÃO...

